INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO

DUNA E A GEOPOLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO
O PARALELISMO ENTRE A FICÇÃO DE FRANK HERBERT E O CONFLITO ISRAEL-PALESTINA

POLLYANA ALVES DE MATOS

Foz do Iguaçu
2025

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO

DUNA E A GEOPOLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO
O PARALELISMO ENTRE A FICÇÃO DE FRANK HERBERT E O CONFLITO ISRAEL-PALESTINA

POLLYANA ALVES DE MATOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

Orientador: Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo

Foz do Iguaçu
2025

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

POLLYANA ALVES DE MATOS

DUNA E A GEOPOLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO: O PARALELISMO ENTRE A FICÇÃO DE FRANK HERBERT E O CONFLITO ISRAEL-PALESTINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração.

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientador: Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo
UNILA

_____
Profa. Dra. Renata Peixoto de Oliveira
UNILA

_____
Prof. Dr. Micael Alvino da Silva
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Dedico este trabalho à minha filha Agatha, para que ela nunca se esqueça que nada é impossível quando se tem fé.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que me concedeu a graça de estudar uma universidade pública de qualidade e forças para conseguir levar a graduação até o fim. Agradeço também aos meus pais por terem me dado sempre todo o apoio que precisei para me desenvolver na faculdade, desde amor, carinho e compreensão até cadernos e canetas. Não possuo palavras o suficiente que possam ser capazes de expressar minha mais profunda gratidão, por isto o que lhes ofereço é meu diploma como forma de agradecer por seu esforço e suas noites mal dormidas, desde o meu nascimento até os dias de hoje, para que eu pudesse desfrutar das oportunidades que a vida me concedeu.

Agradeço também aos amigos que fiz pelo caminho da graduação, que nos momentos mais desesperadores me concederam a mão para levantar e o ombro para chorar, que mesmo também tendo seus problemas pessoais e questões encontraram um tempo para me ouvir, em especial o Lucas Fernandes Bruno e a Juliana Salomão, que Maria sempre esteja à frente de seus caminhos.

Sou muito grata ao corpo docente da UNILA e à coordenação de curso que me ajudaram a compor minha bagagem intelectual e pessoal, bem como também quando necessitei ausentar-me das salas por licença maternidade me ofereceram todo o suporte para que eu conseguisse realizar as atividades em domicílio e, consequentemente, me permitiram não desistir dos estudos e chegar até aqui.

Agradeço imensamente ao meu orientador Mamadou Alpha Diallo por concordar em me guiar neste grande desafio de todo estudante que é a elaboração do TCC, e principalmente por me auxiliar a conciliar minha paixão por literatura com a aplicação das Relações Internacionais, área que me conquistou ao longo dos 4 anos de graduação. A ele meu muito obrigada.

Gostaria de agradecer também a minha versão caloura, por não ter desistido mesmo em meio a pandemia e aulas de sistema híbrido, por ter chegado até o atual momento e por ter sido forte mesmo quando o mundo caiu sobre sua cabeça. Você conseguiu!

Também agradeço pela minha filha Agatha, que me ensinou a ser mãe e me tornou quem sou hoje, e se consegui chegar tão longe mesmo com todos os percalços foi porque encontrei forças na maternidade para levantar todos os dias antes do sol nascer para conquistar um futuro melhor tanto para eu mesma, quanto para ela.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Por fim, gostaria de agradecer imensamente a banca examinadora, que se dispôs em ler meu trabalho às vésperas das festas de fim de ano. Espero que seu 2026 seja de muita luz e prosperidade.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Combatei, pela causa de Allah, aqueles que vos combatem; porém, não pratiqueis agressão, porque Allah não estima os agressores.

Alcorão 2:190

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo utilizar da literatura do volume I da série de livros Duna, do autor Frank Herbert, para explicar a complexidade da construção da região do Oriente Médio partindo do ponto da chegada dos europeus à região até a criação do Estado de Israel, com o intuito de elucidar o conflito atual entre Israel e Palestina na literatura de Frank Herbert. Este estudo irá apresentar a história da região do Oriente Médio a partir do Império Turco Otomano (1299-1922), e em sua relação com as elites árabes, até chegar aos acordos das famílias árabes com as potências europeias para derrubar o Império e alcançar o sonho pan-arábico de unificação do povo árabe em uma só nação. Em sequência, será apresentado o paralelismo entre o volume I da obra Duna colocando em destaque três pontos principais: recurso, religião e guerra, apresentando estes pontos na realidade do Oriente e como são retratados no livro de Frank Herbert. Por fim, o último capítulo trará salientado o conflito entre Israel e Palestina nos personagens de Duna, explicando suas origens até chegar ao embate atual. Nas considerações finais será abordado como os ciclos de violência são abordados tanto em Duna, quanto no conflito Israel-Palestina.

Palavras-chave: Duna (Frank Herbert); oriente médio; conflito Israel-Palestina; petróleo; orientalismo

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo utilizar la literatura del volumen I de la serie de libros Dune, del autor Frank Herbert, para explicar la complejidad de la construcción de la región de Oriente Medio partiendo desde el punto de la llegada de los europeos a la región hasta la creación del Estado de Israel, con el propósito de dilucidar el conflicto actual entre Israel y Palestina en la literatura de Frank Herbert. Este estudio presentará la historia de la región de Oriente Medio a partir del Imperio Turco Otomano (1299-1922) y su relación con las élites árabes, hasta llegar a los acuerdos de las familias árabes con las potencias europeas para derrocar al Imperio y alcanzar el sueño panárabe de unificación del pueblo árabe en una sola nación. A continuación, se presentará el paralelismo entre el volumen I de la obra Dune, destacando tres puntos principales: recurso, religión y guerra, presentando estos puntos en la realidad de Oriente y cómo son retratados en el libro de Frank Herbert. Finalmente, el último capítulo resaltará el conflicto entre Israel y Palestina en los personajes de Dune, explicando sus orígenes hasta llegar al enfrentamiento actual. En las consideraciones finales se abordará cómo los ciclos de violencia son tratados tanto en *Dune* como en el conflicto Israel-Palestina.

Palabras clave: Dune (Frank Herbert); oriente medio; conflicto Israel-Palestina; petróleo; orientalismo.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

ABSTRACT

The present work aims to use the literature of volume I of the Dune book series, by the author Frank Herbert, to explain the complexity of the construction of the Middle East region, starting from the point of the Europeans' arrival in the region up to the creation of the State of Israel, with the intention of elucidating the current conflict between Israel and Palestine within the framework of Frank Herbert's literature. This study will present the history of the Middle East region starting from the Ottoman Turkish Empire (1299-1922) and its relationship with the Arab elites, up to the agreements of the Arab families with the European powers to overthrow the Empire and achieve the pan-Arab dream of unifying the Arab people into a single nation. Subsequently, a parallel will be presented between volume I of the work Dune, highlighting three main points: resource, religion, and war, presenting these points in the reality of the Middle East and how they are portrayed in Frank Herbert's book. Finally, the last chapter will highlight the conflict between Israel and Palestine within the characters of Dune, explaining its origins until the current clash. The final considerations will address how the cycles of violence are explored both in *Dune* and in the Israel-Palestine conflict.

Key words: Dune (Frank Herbert); middle east; Israel-Palestine conflict; oil; orientalism.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Extensão do Império Turco Otomano em 1683 17
Mapa 2 – Repartição do Oriente Médio do Acordo Sykes-Picot de 1916 22
Mapa 3 – Perda de território da Palestina entre 1946 e 2010 39

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA..... 2
AGRADECIMENTOS..... 4
LISTA DE MAPAS..... 10
1. INTRODUÇÃO..... 12
2. FRANK HERBERT E DUNA..... 14
3. O ORIENTALISMO..... 22
3.1 AS RACHADURAS DO IMPÉRIO..... 24
3.1.1 Acordo de Abdallah-Kitchener..... 27
3.1.2 Protocolo de Damasco..... 28
3.1.3 Acordo Hussein McMahon..... 28
3.1.4 Acordo Sykes-Picot..... 29
3.2 O ESTOPIM DA QUEDA..... 31
4. O PARALELISMO DE DUNA COM A REALIDADE DO ORIENTE MÉDIO..... 34
4.1 A MELANGE COMO UM NOVO PETRÓLEO..... 34
4.2 O FANATISMO, RELIGIÃO COMO ARMA E DIVISÃO DE PODER..... 38
4.3 INVASÃO, DESTRUIÇÃO E A LÓGICA DA SOBREVIVÊNCIA..... 43
5. DUNA NA REALIDADE DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DE ISRAEL E PALESTINA.... 47
5.1 O ESTADO JUDEU..... 48
5.2 A PALESTINA..... 51
5.3 O HAMAS..... 55
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 57
REFERÊNCIAS..... 59

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo utilizar da literatura do volume I da série de livros Duna, do autor Frank Herbert, para explicar a complexidade da construção do Estado na região do Oriente Médio partindo do ponto da chegada dos europeus à região até a criação do Estado de Israel, com o intuito de elucidar o conflito atual entre Israel e Palestina. O livro de Duna data do ano de 1965 de sua primeira publicação, período em que as relações internacionais no Oriente Médio estavam frágeis e instáveis, principalmente no que concerne nas relações entre Israel e Palestina, e o autor retrata em sua obra, com uma grande riqueza de detalhes, as relações políticas, sociais e econômicas que tecem o enredo de Duna. Em um primeiro momento o autor nos apresenta o universo ficcional de sua obra através de uma perspectiva macro política e econômica de um sistema imperial constituído de casas de famílias importantes e influentes nesses dois campos, em particular o autor retrata as duas maiores casas desse sistema que são a casa Atreides, de cunho militar, e a casa Harkonnen, de cunho comercial.

Essas duas famílias mantêm uma relação de inimizade fria, nunca entraram em confronto militar direto, mas disputam entre si pelo favor do Imperador. A casa Harkonnen construiu sua fortuna e influência na exploração do planeta Arrakis, que é produtor do maior e mais disputado recurso deste universo: a melange, mais popularmente conhecida entre a população como especiaria. Este recurso é o que move a economia e as relações políticas no sistema imperial, ele é utilizado desde a culinária até a produção de combustíveis para as viagens entre os planetas do sistema solar em que estão inseridos, ou seja, é um recurso que é responsável pela manutenção e sobrevivência de todo o sistema em si. A casa Atreides é a mais forte militarmente, sendo que seus exércitos estão em segundo lugar no quesito mais bem treinado de todo o sistema, em primeiro lugar se encontra as forças armadas pessoais do próprio imperador, os Sardaukar. É uma casa que possui uma forte influência política entre as demais casas, tanto quanto a do próprio imperador. Por esta razão, a casa Harkonnen e o Imperador decidem unir forças para derrubar a casa Atreides e restabelecer sua influência e poder no sistema.

O Imperador então determina a remoção da casa Harkonnen da administração do planeta Arrakis e a substitui pela casa Atreides a fim de lhe aplicar um golpe para destruí-la. O golpe é quase bem sucedido, pois apesar do Duque Leto I morrer durante o golpe, seu filho e herdeiro da casa Atreides Paul e sua mãe Lady Jessica, concubina do

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

falecido Duque, sobrevivem ao ataque e são acolhidos pelo povo Fremen, nativo do planeta Arrakis que lutam contra a tirania da exploração dos Harkonnen em seu planeta natal. Devido a muitas profecias da religião do povo Fremen, eles creem que o herdeiro da casa caída, Paul, é o messias enviado por Deus que os libertará da escravidão e que trará a água de volta ao seu planeta desértico e com isso, os guerreiros do povo Fremen treinam Paul em sua técnicas de guerrilha e o inserem em sua cultura para que ele possa os levar até a salvação, e quanto mais Paul se aprofunda nos ensinamentos Fremen mais sente o chamado divino.

Frank Herbert, em sua escrita, deixa claro que tem por inspiração o Oriente Médio e sua complexa formação, por esta razão, no presente trabalho, será realizado uma tentativa de utilizar sua literatura para explicar e compreender o conflito Israel e Palestina que se estende desde a fundação do Estado de Israel até os dias atuais, perpassando também a fragmentação do Oriente Médio durante e após a queda do Império Turco Otomano. Propõe-se utilizar a literatura de Duna para elucidar como o Oriente Médio se insere no sistema internacional, em um primeiro momento, e logo após, aplicar as relações conflituosas descritas no livro nas relações entre Israel e Palestina, objetivando explicitar ao leitor que os conflitos na região possuem raízes mais profundas e complexas do que uma simples disputa por território. Assim como o planeta Arrakis, o Oriente Médio é berço de conhecimentos e cultura e nosso intuito ao estudar este território juntamente com a literatura proposta é retratar que o Oriente Médio pode ser fonte de inspiração para grandes obras e não apenas palco para intensos conflitos armados.

A metodologia utilizada foram pesquisas bibliográficas de livros e artigos, e a leitura dos três primeiros volumes da série de Duna para compreender de maneira mais aprofundada o funcionamento do universo ficcional. O primeiro livro foi selecionado em particular pois nos fornece uma visão macro do sistema que compõe a trama, do qual permite realizar diferentes conexões com a geopolítica do Oriente Médio, bem como também de suas estruturas histórica, política e econômica. Devido ao afloramento das disputas territoriais entre Israel e Palestina nos dias atuais, explicitamos o conflito à luz da teoria realista e da escola decolonial, conectando os acontecimentos com o que é representado na história de Duna.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

2. FRANK HERBERT E DUNA

O autor de DUNA, Frank Herbert, nasceu em outubro de 1920 na cidade de Tacoma, no estado de Washington nos Estados Unidos, sendo proveniente de uma família pobre, aos oito anos de idade despertou um grande interesse pela leitura, principalmente de títulos de ficção científica. Aos seus 18 anos, ele e sua irmã foram morar em Salem no estado de Oregon devido a questões familiares, e lá ingressou no ensino médio e logo após concluí-lo, no ano seguinte, mudou-se para o Arizona, onde conseguiu um emprego em um jornal, atuando como fotógrafo. Durante toda sua infância e adolescência teve muito contato com a natureza, registrando-a através de fotos, e em sua vida adulta isto se refletiu nos artigos que escrevia para os jornais do qual trabalhou. A principal inspiração de Frank Herbert para a escrita de Duna foram as dunas de areia do Oregon, das quais estudou para redigir um artigo jornalístico e que despertou dentro dele um grande interesse por ecologia, que é bem aprofundada em sua série. O desenvolvimento do primeiro volume de Duna levou cinco anos de pesquisas escritas por parte de Herbert, tendo como inspiração para a personagem de Paul Atreides o militar, arqueólogo e escritor britânico Thomas Edward Lawrence, que foi um importante aliado dos árabes contra o Império Turco Otomano (WIKIPÉDIA, 2022).

Além de seu interesse por Lawrence e sua atuação na Revolta Árabe, Herbert também aprofundou seus estudos acerca da região do Oriente Médio, principalmente a respeito das sociedades árabes e da religião do Islã, que são fortemente representadas na obra, utilizando até mesmo termos árabes no livro, especialmente quando se trata do messias e dos sagrados vermes de areia.

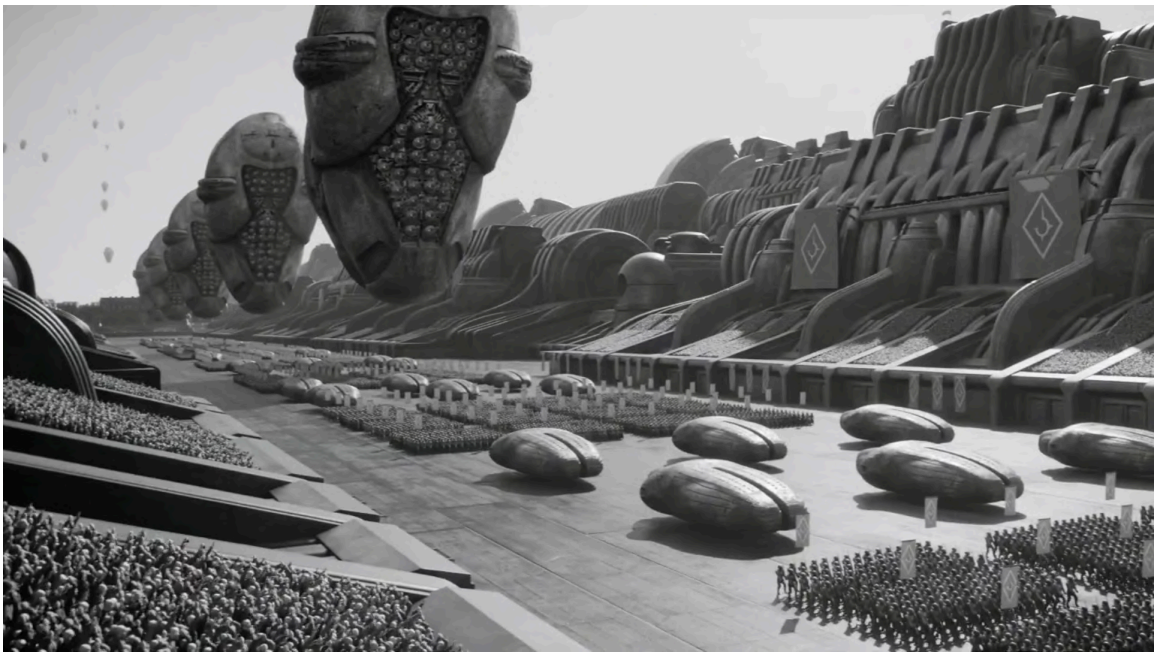
> *“– Foi corajosa a travessia que fez, no caminho de Shai-hulud. E Jéssica ouviu que ele a excluía de seus pensamentos. Já teria chegado ao veredito? – Não há tempo para colocá-lo à prova – protestou a voz acima deles. – Mas ele poderia ser a Lisan al-Gaib – disse Stilgar.”(HERBERT, 1965, p. 371)”*

Dentro deste universo riquíssimo e complexo, o leitor é introduzido na trama através da disputa política e por poder entre as Casas Maiores do Império, este que segue um sistema semifeudal e se sustenta por meio de um tripé político entre a Família Imperial, a Casa Corrino, as Casas Maiores, chamada de Landsraad e a Guilda Espacial, que comanda o tráfego interplanetário. O conflito inicial gira em torno da Casa Atreides e da Casa Harkonnen, de sua disputa por poder e influência, sendo a primeira liderada por Duque Leto, governante do planeta Caladan e detentor de um poderoso exército.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Castelo de Caladan ao longo dos anos: r/dune

A Casa Harkonnen é comandada pelo Barão Vladimir Harkonnen, um homem tão obeso que necessita ser sustentado por suspensores portáteis, como uma representação da avareza das super potências, e possui uma sagacidade inigualável, além de que sua Casa é a encarregada da exploração da mélange no planeta de Arrakis.



Lankiveil. Reprodução da Warner Bros. IGN Brasil.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Em meio a intriga entre estas duas famílias, há a influência da irmandade religiosa das Bene Gesserit, a facção religiosa mais influente do Império e que treina mulheres física e mentalmente para dar continuidade aos interesses humanos, em uma realidade de pós guerra contra as máquinas e supervalorização da mente humana. Por meio de seu programa de reprodução seletiva das gerações das casas do Landsraad, as irmãs tecem uma rede de manipulação e aumentam sua influência política a cada novo nascimento nas famílias das Grandes Casas, e as irmãs direcionadas a reprodução tendem a dar a luz à meninas para que, manipulando as linhas genéticas possam ser capazes de chegarem ao Kwisatz Haderach, um homem com os poderes mentais e orgânicos que seria capaz de unir tempo e espaço com suas habilidades prescientes, possibilitando ver o passado Bene Gesserit e o futuro da humanidade.

> *"– Temos dois grandes remanescentes dessas escolas antigas: as Bene Gesserit e a Guilda Espacial. A Guilda, ao que nos parece, ressalta a matemática quase pura. As Bene Gesserit exercem uma outra função.*
> *– Política – ele disse. – Kull wahad! – exclamou a velha, lançando um olhar duro para Jéssica.*
> *– Nunca contei isso a ele, Vossa Reverência – disse Jéssica. A Reverenda Madre voltou sua atenção para Paul. – Deduziu isso com pouquíssimas pistas – ela comentou." (HERBERT, 1965, p. 23).*

Todavia, o controle genético das Bene Gesserit acaba sendo deturpado quando Lady Jéssica, consorte do Duque Leto Atreides e mãe de Paul Atreides, escolhe por amor a seu marido conceder-lhe um filho homem ao invés de uma menina, como foi orientada pela irmandade. Ao dar a luz a Paul, Lady Jéssica o treinou nos ensinamentos Bene Gesserit, como o prana-bindu (condicionamentos dos nervos e dos músculos para atingir um alto nível de disciplina mental e controle da mente e do corpo) e o uso da Voz (habilidade que permite o controle de outras pessoas por meio da manipulação das nuances do tom de voz), tornando Paul um possível candidato à Kwisatz Haderach.

> *"O programa das Bene Gesserit tinha como alvo o nascimento de uma pessoa que elas chamavam de "Kwisatz Haderach", uma expressão que significa "aquele capaz de estar em muitos lugares ao mesmo tempo". Em termos mais simples, o que procuravam era um ser humano com poderes mentais que lhes permitisse entender e usar dimensões de ordem mais elevada." (HERBERT, 1965, p.661)*

Ademais, dentro do círculo de influência do sistema interplanetário, há a Guilda Espacial, que é um dos setores mais importantes de dominação e expansionismo do

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

universo de Duna, fazendo uso da matemática praticamente pura, os membros da Guilda são capazes de calcular viagens interplanetárias em questão de segundos devido ao uso grandemente excessivo da mélange. Esta organização detém o monopólio do transporte e é encarregada pelas viagens espaciais, bem como também o controle sobre o sistema financeiro do universo uma vez que realiza o transporte de mercadorias, e em suas viagens a Guilda carrega todo tipo de mercadoria, desde armas de guerra até artigos de arte e luxo. Os navegadores da Guilda, aqueles que pilotam as naves, são extremamente dependentes da mélange, pois através dela eles obtêm a presciência necessária para calcular e conduzir as espaçonaves através da galáxia.

> *"– As naves da Guilda são muito grandes? – ele perguntou. O duque olhou para ele. – Esta será sua primeira vez fora do planeta – ele disse. – Sim, elas são grandes. Estaremos num paquete, pois a viagem é longa. O paquete é realmente grande. Em seu porão, todas as nossas fragatas e todos os nossos transportes ficarão aconchegados num cantinho: seremos apenas uma pequena parte do manifesto da nave.*
> *– E não poderemos sair de nossas fragatas? – Faz parte do preço que se paga pela Segurança da Guilda." (HERBERT, 1965, p. 67-68).*

Paul recebe um dos Membros da Guilda Espacial - Ilustração Marc Simonetti.

Há também a organização que auxilia na administração da política e da economia do Império que é a CHOAM (Companhia Honnête Ober Advancer Mercantiles), que é uma empresa de desenvolvimento universal e seu funcionamento reflete a sociedade feudal do universo, tornando política e economia inseparáveis. Todos os produtos comercializados dentro do sistema galáctico passam pela CHOAM, e aqueles que possuem cargos na diretoria detém um grande poder político no Império e assim como a Guilda Espacial, depende da mélange para sua

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

manutenção e existência, da comercialização da mesma. Os que são capazes de controlar a CHOAM são considerados os mais poderosos politicamente no sistema interplanetário e seu favor simboliza uma grande influência.

> *"[...] Eu também vejo o Consórcio Honnête Ober Advancer Mercantiles: a Companhia CHOAM. Ao me dar Arrakis, Sua Majestade será obrigada a nos dar um cargo na diretoria da CHOAM... uma vantagem sutil.*
> *– A CHOAM controla a especiaria – Paul disse. – E Arrakis, com sua especiaria, é nossa via de acesso à CHOAM – disse o duque. – A CHOAM não é só o mélange." (HERBERT, 1965, p.63-64).*

Após a definição das principais organizações intergalácticas, adentramos para a descrição do planeta que é colocado em disputa entre os Atreides e os Harkonnen é a fonte da mélange, considerada a "especiaria das especiarias" e o principal recurso que rege todo o funcionamento do Império, é o pilar das relações política e econômica do universo. Arrakis é um planeta desértico, onde a escassez de recursos hídricos limita todas as formas de vida, condicionando-as à Lei do Mínimo, em que para sobreviver em Arrakis é preciso desperdiçar a menor quantidade de água possível. Um modo que os fremen criaram para manter a hidratação do corpo neste planeta árido são os trajestiladores, que são capazes de reciclar dejetos e suor do corpo humano para transformá-los em água potável.

> *"Um dos braços se ergueu, emitiu um borrifo fino de água que umedeceu a face de Jéssica. O braço se recolheu, e ela olhou para o que tinha sido regado: um feto arborescente. Água em toda parte naquela sala... num planeta em que a água era o sumo mais precioso da vida. Água desperdiçada de maneira tão conspícua que, escandalizada, ela encontrou sua calma interior." (HERBERT, 1965, p. 104).*

Os fremen, Paul Atreides e Lady Jessica no deserto. Reprodução: Warner Bros. Ingresso.com.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

O deserto arrakino é habitat dos grandes *Shai-hulud* (verme da areia) que são criaturas enormes, alguns com mais de 200 metros de comprimento, que dominam as areias do deserto e são reverenciados pelo povo fremen. Eles também possuem o papel central na ecologia do planeta de produtor da especiaria, por meio das “trutas da areia”, uma versão primitiva dos vermes de areia, são o vetor meio vegetal e meio animal do ciclo de vida de um verme da areia, que nadam pelas areias do deserto e aprisionam a água em bolsões férteis em camadas profundas e porosas do solo. O excremento destes seres combinado com a água aprisionada gera um processo fungoide, que acumula gases até atingir ponto de pressão que explode a especiaria para fora das profundezas, e com a exposição ao sol e ao ar esta substância sofre uma reação química e transforma-se na mélange.

> *“Esses “surrupiadores de água” morriam aos milhões em cada explosão de especiaria. Uma alteração de cinco graus na temperatura era capaz de matá-los. Os poucos sobreviventes entravam numa hibernação cística semidormente, emergindo depois de seis anos como vermes da areia de pequeno porte (por volta de três metros de comprimento). Desses, somente alguns escapavam dos irmãos maiores e dos bolsões de água da pré-especiaria para chegar à maturidade como o gigantesco shai-hulud. (A água é um veneno para shai-hulud, como os fremen já sabiam havia tempos, pois afogavam o raro “verme mirrado” do Erg Menor para produzir o narcótico de espectro perceptivo que eles chamam de Água da Vida. O “verme mirrado” é uma forma primitiva de shai-hulud que chega apenas a nove metros de comprimento, aproximadamente.)” (HERBERT, 1965, p. 646)*

Mélange presente em meio às areias de Duna. Reprodução: Warner Bros. Guia do Estudante.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Um verme da areia frente a dois humanos. Reprodução: Warner Bros. Cyber Daily.

Dentro do ecossistema de Arrakis, temos o povo fremen, comunidades que são tribos livres nativas de Arrakis, seus costumes são guiados pela hidrodisciplina extrema, o controle do consumo da água é o que determina a sobrevivência, até mesmo a água do corpo dos mortos é reaproveitada, tornando o desperdício um crime grave. “É uma necessidade quando se vive perto da Grande Chã. Toda a água é preciosa ali, e o corpo humano tem aproximadamente setenta por cento de seu peso composto por água. O morto, certamente, não precisará mais da água.” (HERBERT, 1965, p. 189-190). Como ressaltado anteriormente, os fremen desenvolveram trajes especiais que possibilitam suas viagens pelo deserto sem desperdiçar água, além de serem mestres em táticas de guerrilha. Os fremen além de venerarem os vermes da areia, os utilizam como meio de transporte em viagens longas e também é consideram a montaria como um rito de passagem na comunidade, uma vez que os vermes da areia são reverenciados como uma divindade devido a sua conexão com a produção da mélange. Percebe-se uma grande conexão entre a religiosidade fremen e a ecologia do planeta, combinada com a catequização da Missionária Protectora, que é uma extensão da Irmandade Bene Gesserit pelo sistema interplanetário para espalhar sua influência. A crença fremen gira em torno do messianismo, eles aguardam a vinda do Profeta, o líder de outro planeta, que é chamado de *Lisan al-Gaib* (A Voz do Mundo Exterior) e também associado à vinda do filho de uma Reverenda Madre.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

> *Com Lady Jéssica e Arrakis, o sistema Bene Gesserit de semear lendas implantes por meio da Missionária Protectora chegou a sua realização plena. Há tempos se reconhece a sensatez das Bene Gesserit em semear o universo conhecido com um padrão de profecias para a proteção de seu pessoal, mas nunca se viu uma condição ut extremis com um casamento tão perfeito de indivíduo e preparação. as lendas proféticas tornaram se tão populares em Arrakis que até mesmo certos termos foram adotados (entre eles, Reverenda Madre, canto e respondeu e boa parte da panoplía propheticus da shariá). E hoje é comum aceitar que as habilidades latentes de lady Jéssica foram grandemente subestimadas.*
> *– excerto de "Análise: a crise arrakina", da princesa Irulan [circulação reservada: número do arquivo B. G. AR-81088587] (HERBERT, 1965, p. 70-71).*

Em síntese ao que foi apresentado acima, o planeta de Arrakis é a pedra fundamental para que as engrenagens do Império possam funcionar de modo efetivo, ao mesmo tempo que é um planeta desprovido de força contra as Casas Maiores, também é aquele que sustenta todo o sistema com seu recurso da especiaria. Por meio das explorações em Arrakis, os demais planetas ergueram suas fortalezas e exércitos, as Casas disputam por aumentar suas reservas de especiaria e, consequentemente, sua influência política frente a CHOAM e o Landsraad. Em meio a esta configuração, a irmandade das Bene Gesserit influenciam e manipulam a crença do povo fremen para dominá-los e mantê-los sob controle através da profecia do Kwisatz Haderach/*Lisan al-Gaib*, com o intuito de que quando este Profeta surgisse a irmandade seria capaz de controlá-lo. Entretanto, o desvio nos planos das Bene Gesserit encarnado na pessoa de Paul Atreides distorceu todo seu trabalho geracional e não apenas isso, bem como também ameaçou o poder do próprio Imperador Padixá Shaddam IV e o modelo de governo.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

3. O ORIENTALISMO

Em um primeiro momento, antes de tratarmos de Israel e Palestina, é preciso que esclarecer ao leitor que a região do Oriente Médio provém, além da construção política e geográfica, de uma concepção eurocêntrica aplicada no campo das ideias ao povo deste território, na intenção de colocar o continente europeu como superior em suas relações com os demais povos (SAID, 1990). Neste sentido, a formação do conceito e definição de Oriente se dá como uma produção da Europa, no período da queda do Império Otomano, para que pudesse se reafirmar como potência superior às suas colônias na região não apenas no campo econômico e militar, mas também, e principalmente, no campo das ideias, definindo a si mesmo quando define o Outro em sua cultura, imagem, ideia e personalidade (SAID, 1990). O autor Said retrata que essa criação do Oriente Médio no campo das ideias por parte dos europeus se denomina, segundo ele, como *orientalismo* e possui três modos diferentes de ser compreendido, dos quais são interdependentes: a designação acadêmica; o pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica entre Oriente e Ocidente; e o orientalismo como um instrumento de colonização. O primeiro descreve o ato de pensar e estudar o Oriente em suas diversas formas e em diversos campos do conhecimento, todo aquele que estuda, pesquisa ou ministra aulas a respeito do Oriente é um orientalista e os resultados de seus trabalhos acerca disto é orientalismo. O segundo modo é um sentido mais geral de orientalismo, em que a grande maioria de pensadores e escritores aceita essa distinção entre Oriente e Ocidente como base para desenvolver seus escritos. O terceiro, e último, é o que explicita o orientalismo como um instrumento de dominação da colonização ocidental, que reestrutura concepções a fim de submeter a região ao jugo europeu (SAID, 1990). Baseado nas definições expostas por Said, é a partir desta última concepção que daremos base a discussão acerca do tema proposto, pois para verdadeiramente compreender a profundidade e complexidade que nos é apresentada desta região, que por muitas vezes é retratada como o antro do caos e guerras internacionais, é necessário desconstruir nossos pré conceitos que implantados por meio de estudos eurocentrados e veículos midiáticos para que possamos abrir nossos olhos e nos colocar no lugar deste Outro.

Segundo Said, a cultura européia obteve mais força e influência no mundo após determinar e comparar-se com o Oriente, definindo-o como uma cultura clandestina, misticista e exótica que é abrigo de tudo o que é contrário aos valores tradicionais

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

católicos, como a luxúria e o ciganismo. Essa imagem foi criada a partir de uma empresa cultural desenvolvida pela França e Inglaterra, duas potências da época que foram marcantes na dominação do Oriente Médio durante e após a queda do Império Turco Otomano, graças à seu apoio para libertação do povo árabe da dominação dos turcos sobre a região do Oriente para as elites árabes locais, que estavam descontentes com a administração do Império. Aproveitando-se da insatisfação das elites árabes com o domínio do Império Turco, que eram extremamente autoritários para com o povo árabe, a Inglaterra começou a incitar rebeliões internas destas elites contra o Império com a promessa de apoio e reconhecimento de independência da região, em contrapartida a França fez uso de suas colônias para construir uma Síria francesa com a justificativa de proteger os cristãos presentes naquela região (FARHAT). Alguns acordos foram estabelecidos entre autoridades árabes e os europeus, especialmente com os britânicos, para a libertação do povo árabe e destacamos alguns que retratam de maneira explícita as rachaduras por trás da queda do Império Turco Otomano, e são eles:

a) o Acordo Abdallah-Kitchner, o Protocolo de Damasco;
b) o Acordo Hussein McMahon e;
c) o mais importante a ser retratado, os Acordos Sykes-Picot.

Todos eles serão retratados mais a frente com maior profundidade.

Segundo Edward Said (1990), o Oriente é uma entidade geográfica, cultural e histórica criada pelo homem e pela experiência vivida no território, assim como o Ocidente também o é, isto porque a ideia de Ocidente só foi possível ser concebida desta maneira uma vez que houve uma prévia vivência no território do Outro, permitindo aos europeus a definirem-se enquanto nações superiores nos aspectos cultural, geográfico e histórico. O “Outro” surge quando o “Eu” faz seu contato com este e passa a olhar suas peculiaridades frente àquele que se apresenta como novo e desconhecido. Devemos levar em consideração que o Oriente não nasce somente de uma ideia ou criação sem fundamento de uma realidade correspondente, mas o orientalismo conecta-se ao Oriente por meio da estruturação dos conceitos que nos levam a pensar e debater a respeito do território e, além disso, as ideias, culturas e histórias não podem ser compreendidas e estruturadas sem que haja o devido entendimento de como operam suas forças de poder (SAID, 1990). Ainda nas palavras de Edward Said (1990), a relação entre Ocidente e Oriente se configura como poder de dominação nos mais variados graus de uma hegemonia complexa, tanto que a orientalização do Oriente Médio foi possível posto que ele se permitiu ser feito oriental. Além de que, se enquadrava nos aspectos deliberados

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

pelos europeus no século XIX, que refere-se a um tipo de dominação mais profunda em que o Oriente é moldado pelo Ocidente para caber em sua própria concepção, ao invés de ser compreendido como um todo singular, tornando assim o orientalismo essencial para o Ocidente, porque permite enraizar conceitos depreciativos e errôneos de maneira que torna o pensar no Oriente fora dos parâmetros estabelecidos pelos europeus, uma tarefa árdua e quase impossível para quem não conhece e/ou nunca conheceu o território para além do que foi contado.

Por esta razão, o orientalismo foi um investimento bem sucedido dos europeus, alimentado também pela noção coletiva existente na cultura da Europa de que, ao comparar-se com outras nações, denominam-se como sendo superiores a todos os povos não-europeus, e o orientalismo os coloca sempre em uma posição de vantagem em toda e qualquer contato ou relação que mantém com os povos orientais, isto devido a rejeição de todo qualquer pensamento contrário ao pensamento hegemônico enraizado pela Europa e que, por consequência, se estende às suas colônias. Por acreditarem serem os únicos detentores da verdade, moralidade e honra, vendendo-se como modelo de tudo que é correto perante Deus, os Ocidentais acabam tornando-se reféns do próprio pensamento, impedidos de refletir fora dos parâmetros que lhes foi determinado tanto pelo catolicismo quanto pelas práticas expansionistas coloniais e assim, se encontram condicionados a seguir o método de dividir e conquistar, como foi o caso do Oriente Médio.

3.1 AS RACHADURAS DO IMPÉRIO

A presença do Império Otomano na região do Oriente Médio intensificou-se dois séculos após o Império Mameluco ser conquistado, estendendo seu domínio do norte africano até a Árabia do Sul. É de se esperar que um império desta magnitude enfrentaria algumas dificuldades para administrar seu território, devido ao alto grau de diversidade étnica e cultura que apresentava, sendo assim, após sua expansão, o governo otomano optou por promover uma aliança com as elites locais das províncias árabes. Isto foi feito para, ao invés de submeter as províncias a autoridades otomanas, que seria muito mais custoso ao império, melhor governar as regiões, das quais o governo central nem sempre era capaz de alcançar diretamente. Apesar disto, o Império Otomano seguiu adotando estratégias que fizessem os líderes locais subordinados às autoridades centrais do Império, seus métodos foram bem sucedidos até meados da segunda metade do século

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

XVIII, quando os novos líderes locais das províncias começaram a reunir forças em busca de autonomia e desvincular-se do Império Turco Otomano. Isto acarretou também em alianças destes líderes locais com super potências europeias, no caso França e Inglaterra, para derrubá-lo visando construir uma grande nação árabe com apoio europeu.

Mapa 1 - Extensão do Império Turco Otomano em 1683

FONTE: Wikipedia

Este considerado um dos maiores impérios da história da humanidade, teve início no século XV e seu território ocupou uma área que abrangia partes da África, Ásia e Europa, e por ser extremamente vasta seguia-se uma forma de governo embasada nas noções políticas otomanas, da qual preconizava que um governo bem-sucedido deve zelar por quatro elementos interdependentes, concebido como “círculo de equidade”

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

(ROGAN, 2021). O primeiro elemento é ter um grande exército para efetivar sua autoridade, o segundo são os impostos que ajudarão a manter esse exército e serão a principal fonte de arrecadação do Estado. Para arrecadar impostos de modo satisfatório, segundo as intenções do império, é necessário que seus súditos tenham uma vida próspera, que caracteriza o terceiro elemento, e como meio de garantir esta prosperidade, o Império deve impetrar leis justas, que caracteriza o quarto elemento que fecha o círculo (ROGAN, 2021). Seguindo a lógica dos analistas políticos otomanos, o desequilíbrio deste círculo é o que causa a desordem política, como é o caso da cidade de Damasco, retratada no livro Os Árabes de Eugene Rogan, em que, descrita pelos olhos de um barbeiro através de seu diário pessoal, estava sofrendo com a corrupção de seus governadores, com a indisciplina dos soldados, com os altos preços e com o declínio da moralidade pública, das quais simbolizavam, no ponto de vista do barbeiro, o início de uma derrocada do Império. No governo desta cidade, estava no comando uma família árabe local muito rica, que construiu sua fortuna acumulando vastas extensões de terras e assim como muitos outros árabes ricos, possuíam interesses pessoais e familiares e faziam uso de sua posição no governo para enriquecer ainda mais nas costas do Império Otomano, quebrando o quarto elemento do círculo da equidade. O fato das províncias serem administradas por árabes e não pelos otomanos foi, como dito anteriormente, uma estratégia adotada para garantir que a condescendência do povo e sua subordinação ao novo governo, uma vez que devido a grande extensão territorial do império era impossível que o governo central estivesse a frente da administração de cada província. Todavia, isto também permitiu que as elites árabes aumentassem seus espaços de poder, suas riquezas e influência até tornarem-se confiantes o bastante para conspirarem entre si contra o governo central do Império, este que na percepção dos árabes era implacável em sua dominação, governando com mãos de ferro e punindo todos que não seguissem suas leis e diretrizes com exílio ou morte (Farhat, pág. 1).

No século XVIII, o Império Otomano enfrentava um período difícil em suas fronteiras com os vizinhos europeus, os Habsburgo austríacos estavam tomando as conquistas otomanas na Europa e em 1699 conseguiram derrotar o grande império e conquistar os territórios da Hungria, Transilvânia e partes da Polônia, configurando as primeiras perdas territoriais otomanas (ROGAN, 2021). Ademais, na região do Mar Negro e Cáucaso havia uma pressão muito grande exercida por Pedro, O Grande, da Russia e devido às demais ameaças externas, o governo central não estava preocupado com as

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

possíveis ameaças internas que começavam a surgir em seu território, já que não apresentavam, de início, um grande risco a sua soberania assim como eram os europeus.

Todavia, o crescente acúmulo de derrotas ao decorrer do tempo culminou no encorajamento das elites árabes em rebelar-se contra o Império, quanto mais poderosos eles se tornavam, menos as autoridades do governo eram respeitadas e acatadas, fazendo com que o povo perdesse seu respeito e obediência, principalmente dos soldados do exército que tornaram-se indisciplinados na doutrina otomana causando conflitos com as milícias dos líderes das províncias. Com todo este desequilíbrio do círculo da equidade a população começou a depositar sua confiança e segurança nas forças dos líderes locais, lhes dando ainda mais poder e apoio popular, enquanto a credibilidade do povo em relação ao Império Otomano ruía cada dia mais. Assim nasceu no povo árabe o desejo de se libertar da tirania otomana e construir uma nação árabe, de se construir um governo próprio para atender às suas necessidades e demandas sem correrem o risco de serem duramente punidos e /ou reprimidos. Para alcançar este sonho, alguns grupos aceitaram firmar alianças com os inimigos que estavam fechando o cerco do Império Otomano: os europeus, e em especial França e Inglaterra, que propuseram acordos embasados em um discurso de aliança em prol da causa árabe de libertação e reconhecimento da soberania da nação e será a respeito desses acordos que discorreremos a seguir.

3.1.1 Acordo de Abdallah-Kitchener

Este acordo foi um dos primeiros contatos das autoridades árabes com os inimigos europeus do Império Otomano e quem o fez foi Abdallah Ibn Hussein (1882-1951), o segundo filho do Sherif Hussein Ibn Ali (1856-1931) conhecido por ser o Sherif de Meca, Guardião dos Lugares Sagrados e por sua lealdade ao Império Otomano (Fahart, pág. 2). Abdallah, em um primeiro momento, tentou negociar com os otomanos sobre uma extensão de linha férrea que contrariava o interesse dos beduínos, um povo nômade do deserto. Entretanto os otomanos negaram todo e qualquer acordo que pudesse ser firmado, fazendo com que Abdallah recorresse aos ingleses, ele entrou em contato com Horatio Herbert Lord Kitchener, o pró-cônsul britânico do Egito, em fevereiro de 1914, requerendo apoio na luta contra os otomanos, da qual lhe foi garantida em outubro do mesmo ano por Kitchener. Após este acordo, o nacionalismo crescente no povo árabe começou a se dissipar de maneira mais visível e concreta pelo Império Otomano.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

3.1.2 Protocolo de Damasco

Devido a sua trama para desmantelar o Império Otomano, Hussein atuou de modo cauteloso e ativo, enviando até a capital do Império, Istambul, seu filho Faissal Ibn Hussein com o intuito de enfrentar o Grão Vizir munido de provas de uma conspiração turca para depô-lo, infelizmente a tentativa de expô-lo foi vã e não surtiu resultados. Ao voltar de sua missão fracassada em Istambul, Faissal passou por Damasco e lá encontrou as sociedades secretas *Al-Fatat*, fundada em 1911, em Paris, por estudantes árabes oriundos da Síria, Líbano e outros territórios árabes e *Al-Ahad,* fundada em 1913, por oficiais árabes dentro do exército otomano, principalmente em Bagdá e Mossul, que lhe entregaram o documento conhecido como *Protocolo de Damasco*, do qual deveria ser entregue aos britânicos, pois expunha seu apoio à Hussein em sua rebelião contra o Império Otomano com a condição de que a Inglaterra aceitasse e apoiasse a formação de um Estado árabe independente (Farhat, pág.2). A sociedade de *Al-Fatat* foi uma das mais importantes sociedades na luta pelo movimento nacionalista árabe, de cunho especialmente político eles lutaram pela independência árabe dentro do Império Otomano (MUTAHIRA, 2013). Com relação a *Al-Ahad*, também se trata de uma sociedade secreta, composta por membros oficiais do exército que defendiam a autonomia do povo árabe dentro do Império e aspiravam transformar o Império em uma dupla monarquia na região de fronteiras com o Império Austro-Hungaro (MUTAHIRA, 2013). Hussein manteve-se observando os passos do Império durante o ano de 1915, enquanto o famoso líder militar turco Jamal Pasha, conhecido popularmente no Império como o Açougueiro, era comandante do exército otomano na região da Síria e reprimia fortemente a revolta na região e ordenava a morte de dezenas de líderes nacionais nas cidades de Beirute e Damasco em maio de 1916 (FAHART, pág. 2).

3.1.3 Acordo Hussein McMahon

Este foi um acordo firmado entre Hussein e Sir Henry McMahon, o Alto Comissário da Grã Bretanha no Egito e foi pactuado por meio de cartas e recados verbais transmitidos através de emissários de confiança dos dois lados, ao total foram dez cartas trocadas. Em sua primeira correspondência aos europeus, Hussein confirma a McMahon o desejo unânime de toda a nação árabe de lutar pela sua liberdade e tomar a frente de sua administração, tanto na teoria quanto na prática, reconhecendo o desejo da Grã

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Bretanha em ajudá-los rumo a esta conquista e o aceitando, mas não sem estabelecer algumas propostas fundamentais, das quais envolvem o reconhecimento da independência dos países árabes e a aprovação de uma califado árabe islâmico. No mês seguinte, a Inglaterra responde aos pedidos formulados por Hussein concordando com o que foi proposto. As correspondências seguintes se tratavam de alinhamentos territoriais em preparo para o golpe contra o Império Otomano, na última carta é relatado aos ingleses as ações militares que seriam praticadas, que possuíam autorização e apoio de Sua Majestade para serem colocadas em prática.

Em outubro de 1916 ocorreu a conquista de Meca e o primeiro encontro entre Faissal e David Herbert Lawrence, e nele arquitetaram o plano de fazer uso das forças móveis árabes contra os turcos que estavam em quartéis, cortando suas comunicações e a estrada de ferro para isolá-los. A partir daí, a aliança árabes-ingleses foi se fortalecendo e conquistando o território otomano, desmantelando o Império internamente e aproximando o povo árabe de ter seu desejo nacionalista por um território totalmente árabe cada vez mais próximo no horizonte. Ao passo que os árabes cumpriam com sua palavra lutando contra os otomanos juntamente aos ingleses por um período de dois anos pela causa árabe, a Inglaterra sorrateiramente preparava uma traição, ao lado da França, nos escritórios de Londres para tomar as terras árabes no momento em que o Império tombasse e deixasse o território vulnerável política e socialmente.

3.1.4 Acordo Sykes-Picot

Durante os meses de trocas de cartas entre Inglaterra e elites árabes, dois diplomatas europeus, o inglês Sir Mark Sykes e o francês François Georges-Picot, ficaram responsáveis por determinar os limites entre Arábia britânica e a Síria francesa, um arranjo que seria válido logo após a derrocada do Império Otomano para delimitar o espaço de domínio do vasto território entre França e Inglaterra, essa negociação territorial durou muitos meses até chegar a seguinte configuração:

1- Zona Azul francesa, de administração direta (Líbano até Anatólia)

2- Zona Árabe A, de influência francesa (Síria do Norte e Província de Mossul);

3- Zona Vermelha britânica, de administração direta (Mesopotâmia e Kuwait);

4- Zona Árabe B, de influência britânica (Síria do Sul, Jordânia e Palestina); e

5- Zona Castanha, de administração internacional por França, Grã Bretanha e Rússia (compreendendo: São João d’Acre, Haifa e Jerusalém).

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Mapa 2 - Repartição do Oriente Médio do Acordo Sykes-Picot de 1916

FONTE: Jewish Virtual Library

Apesar de não ter tido um documento propriamente assinado pelas potências, apenas trocas de notas, estas foram seladas por nota regida por Sir Edward Grey,

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Secretário do Foreign Office a Paulo Cambon, Embaixador da França em Londres. Estas notas ocorreram ao mesmo tempo em que era mantida a comunicação com Hussein, marcando a independência árabe e a queda do Império Turco Otomano. Esta seria uma traição que não seria jamais esquecida pelo povo árabe e infelizmente, esta não seria a primeira tentativa de dominação imperialista na região e muito menos de corrupção dos acordos firmados com os europeus.

3.2 O ESTOPIM DA QUEDA

O estopim para aceleração da derrocada do Império Turco Otomano foi a Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, que vinha sendo alimentada por disputas econômicas entre as potências europeias pelas colônias na Ásia e a na África e que desencadeou um conflito armado após o assassinato de Francisco Ferdinando, arquiduque do Império Austro-Hungaro, e sua esposa Sophie, a tiros de um servio participante do movimento independentista, durante uma passeata. Deste momento em diante, o Império Austro-Hungaro declarou guerra à Sérvia, que era aliada da França e Rússia e receberam seu apoio militar, enquanto os austríacos receberam apoio da Alemanha (MUNDO EDUCAÇÃO). De início, o Império Otomano não queria envolver-se na Grande Guerra pois já estava tendo que lidar com conflitos em suas fronteiras com a Itália e no Mar Egeu com os Balcãs nos anos anteriores, sua intenção era manter-se fora do conflito europeu e assegurar uma aliança defensiva com a Inglaterra ou com a França. No entanto, nenhuma das duas potências estava disposta a firmar um acordo que fosse contra o interesse da Rússia, aliada da Entente na Guerra, e o avanço dos interesses territoriais russos no Império Otomano constituía seu maior medo. Um dos líderes do governo turco era apreciador da Alemanha e acreditava que esta, por ter sido a única potência da qual nunca apresentou interesse nas terras do Oriente Médio, forneceria proteção contra a invasão europeia nos domínios otomanos, em contramão era de interesse alemão usar o sultão otomano para incitar uma guerra contra a Inglaterra e a França. Diante do interesse mútuo entre as partes de fragilizar Inglaterra e Rússia, a Alemanha e a França firmam em agosto de 1914 um tratado em que ficou estipulado que os alemães concederiam seus conselheiros militares, material bélico e assistência financeira em troca do apoio otomano na guerra ao lado das Potências Centrais, Alemanha, Itália e Império Austro-Hungaro.

Logo no início, após sua entrada no conflito, o Império Otomano lutou com força e destreza, atacando as posições britânicas no canal de Suez, (ROGAN, 2021). De 1915

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

até 1918 os otomanos se esforçaram bravamente na guerra derrotando a França, a Força Expedicionária Indiana e uma revolta árabe na ferrovia de Hejaz. Entretanto logo após todo este gasto de energia, o Império Otomano entrou em colapso e houve um efeito reverso no território, que antes era um dos mais extensos do mundo, fazendo com que muitas áreas fossem tomadas pelos inimigos europeus e nacionalistas árabes obrigando os turcos otomanos a se retirarem para Anatólia e lá permaneceram, sem jamais retomar seus territórios, e assim marcando o fim abrupto de um dos maiores Impérios da história. Poucos foram aqueles que choraram pela queda do Império Otomano e muitos foram os que a comemoraram, pois agora estaria disponível um vasto território a ser repartido entre os interessados, que no caso eram as potências europeias, os vizinhos do antigo Império e os líderes árabes. Estes últimos em particular se viram deslumbrados com a possibilidade de criar uma nação árabe unificada e independente que seria capaz de "sentar-se à mesa" juntamente com o restante da comunidade internacional, ainda que o receio pelo imperialismo europeu pairasse no ar. Do lado europeu, as negociações pela repartição do Império Otomano entre Rússia, França e Inglaterra já ocorriam desde o momento em que este entrou na guerra, o lado russo foi o primeiro a manifestar-se a respeito, reivindicando em março de 1915 que planejavam anexar Istambul e os estreitos que ligavam a costa da Rússia do Mar Negro ao Mediterrâneo. A França concordou e determinou seus próprios planos para conquistar a Cilícia, área que nos dias atuais compreende a costa sudeste da Turquia, e a Grande Síria, que é equivalente ao Líbano, Síria, Palestina e Jordânia, incluindo os lugares sagrados da Palestina. A Inglaterra perante as exigências dos aliados viu-se forçada a repensar seus interesses no território otomano, e ao final do ano de 1915 apresentou suas conclusões: a Inglaterra pretendia manter sua posição no golfo Pérsico, do Kuwait, ao que corresponde hoje aos Emirados Árabes Unidos, como sendo uma esfera única de sua influência, e ademais, almejava toda a Mesopotâmia sob seu controle (ROGAN,2021).

Como já referido anteriormente, a Inglaterra firmou três acordos separados entre 1915 e 1917 para dividir os territórios do império no pós-guerra: o primeiro foi o acordo entre o sharif Hussein e McMahon, o segundo o acordo Sykes-Picot e o terceiro a Declaração de Balfour. Este terceiro seria o grande desafio da Inglaterra para cumprir e o mais longínquo, esta declaração estabelecia o apoio na empreitada para criação de um Estado Judeu na região da Palestina, que era um sonho povo judeu desde sua diáspora por muitos países da Europa, mas nunca foram bem vindos nas terras em que buscavam abrigo. No ano de 1882 em seguinte, grandes massas de judeus estavam fugindo da

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

perseguição russa e uma pequena parte desses imigrantes alocou-se na Palestina, estabelecendo até 1903 suas residências e vidas em cidades palestinas, uma parte menor ainda viviam em comunidades agrícolas da planície costeira e nas montanhas ao norte do Monte Carmelo e recebiam apoio de grandes filantropos judeus europeus (ROGAN, 2021). A Organização Sionista necessitava de apoio para sua empreitada e durante a Primeira Guerra Mundial mudou sua sede de Berlim para Londres, onde lá articulou seu lobby entre as autoridades do governo britanico por dois anos até ter exito em lograr o apoio de sua majestade para a fundação do Estado Judeu (ROGAN, 2021).

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

4. O PARALELISMO DE DUNA COM A REALIDADE DO ORIENTE MÉDIO

Neste capítulo será retratado o paralelo colocado, de forma única e complexa por Frank Herbert, no livro de Duna por toda sua narrativa que elenca diversos elementos que são característicos da formação dos Estados do Oriente Médio. Apresentaremos a seguir três pontos pertinentes explicitados na literatura que fazem referências à realidade do sistema internacional do Oriente Médio, primeiro o monopólio da melange e sua relação com o petróleo; segundo o fanatismo e a religião como um artifício de divisão de poder; e, por fim a invasão, destruição e a lógica da sobrevivência. Estes três tópicos serão expressados através da ótica de duas teorias das Relações Internacionais: a Teoria Decolonial e a Teoria Realista.

4.1 A MELANGE COMO UM NOVO PETRÓLEO

O primeiro volume da série de seis livros, Duna, nos introduz em uma trama de ficção científica extremamente bem construída acerca da geopolítica do universo, nos trazendo em detalhes seu principal recurso: a mélange. Nisto podemos ver um retrato do petróleo, o recurso mais disputado no território do Oriente Médio. Em resumo, o planeta Arrakis concerne em uma região não apenas rica, mas origem do principal recurso mais utilizado em todo o universo, que é a melange, ou especiaria como também é chamada no livro, que é responsabilidade da Casa Harkonnen, uma potência econômica e fortemente ligada ao imperador. A partir desta colocação, é possível observar o paralelo que o autor faz entre a melange e o petróleo, um recurso de extrema importância para a manutenção e funcionamento do poder (econômico, político, estratégico) nas relações internas e internacionais entre os países.

Nos dias de hoje, há uma preocupação crescente em substituir as fontes fósseis pelo uso de fontes de energia renováveis, como a eólica, hidrelétrica e solar, porém o uso a longo prazo e em larga escala das fontes não renováveis, aqui no caso trataremos do petróleo, dificultam a substituição para o modo sustentável. O petróleo é um componente que é formado pela composição de restos animais e vegetais que são condicionados a uma temperatura e pressão abaixo da terra específicas, levando milhões de anos para ser formado e seu potencial energético provém da oxidação/combustão das cadeias de hidrogênio e carbono (BBC News, 2023). O primeiro poço a ser perfurado foi nos Estados Unidos da América (EUA) em 1859 por Edwin Laurentine Drake no estado da Pensilvânia, com a descoberta deste novo recurso e seu potencial energético, o petróleo tornou-se

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

rapidamente a base para o desenvolvimento acelerado dos meios de transporte e logística no mundo todo, e por muito tempo proporcionou aos EUA a vantagem de estarem a frente na extração do recurso, até que novas jazidas e mais produtivas foram encontradas no Oriente Médio em 1908 por George Bernard Reynolds (STUDY.COM). Tais jazidas concentram 67,3% do total mundial das reservas globais de petróleo tornando a região o centro da geopolítica dos recursos petrolíferos no planeta, e por consequência, alvo de cobiça de muitos países do sistema internacional, principalmente europeus que atuam ativamente no Oriente Médio desde o Império Otomano, com intenções de explorar o território de maneira predatória. Desde a década de 1980, os países do norte global têm se desenvolvido com rapidez, de forma “democrática e pacífica”, porém essa realidade só é plausível em países que são importadores do petróleo, isto pois os países que possuem suas próprias jazidas, principalmente do Oriente Médio, se encontram em um estado de estagnação em seu desenvolvimento ou até mesmo apresentam certa regressão, quando comparados ao período em que iniciaram a exploração de petróleo em seus territórios. Isto se dá pois a exploração deste recurso agravou as condições políticas, econômicas e sociais já instáveis neste países do Oriente Médio, que ocasionou no estopim de muitas guerras civis. Refletindo essas condições para os dias atuais, os países produtores de petróleo têm 50% de chances de serem governados por autocratas e possuem o dobro de propensão a terem guerras civis, se comparado aos países que não produzem petróleo, seus governos tendem a falta de transparência e a uma economia volátil (ROSS, 2015).

É importante ressaltar que nem todos os países produtores de petróleo que enfrentam tais obstáculos, os que estão digamos “protegidos” deste efeito causado pelo petróleo são países que se encontram no norte global, como é o caso da Noruega, Canadá e Grã-Bretanha, que possuem elevadas receitas e uma estrutura econômica e política sólidas e conseguem realizar a extração do recurso de modo mais seguro, socialmente falando (ROSS, 2015). Em contrapartida, nas palavras de Michael L. Ross (2015), a riqueza do petróleo é predominantemente um problema dos países que possuem uma receita média e baixa, criando assim o que o autor chama de “ironia da riqueza do petróleo”, onde os países mais necessitados dos benefícios comerciais provenientes da exploração do petróleo são os que menos se beneficiam de suas vantagens. No decurso das décadas de 1950, 1960 e 1970 imperava no sistema internacional a crença na teoria da modernização, que apontava o crescimento da renda per capita de um país acarretaria no desenvolvimento político, de administração pública, de transparência e maior inclusão deste país. Todavia, a partir dos anos 1970 os países

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

produtores de petróleo começaram a apresentar sinais do contrário, de declínio, como o aumento da violência política, da instabilidade econômica e da crise social com os rebeldes (ROSS, 2015). A indústria petroleira é a maior do planeta, representando 14,2% do comércio de commodities do mundo (ROSS, 2015), mesmo que os avanços para uma transição energética mais sustentável estejam finalmente em pauta nas agendas de muitos países desenvolvidos, ainda há uma grande procura pelos derivados do petróleo, principalmente para a produção de combustíveis com finalidade de abastecer não apenas veículos de uso cotidiano (carros e motos) como também veículos de guerra, como tanques e aeronaves, sem contar os demais derivados que são utilizados desde a produção de utensílios de cozinha até a produção de cosméticos e produtos de beleza.

E como reflexo dessa necessidade, e também elevado consumo dos derivados, a extração de petróleo cresceu exponencialmente nos países mais pobres do globo para suprir o consumo dos importadores, aumentando a procura de jazidas no território do Oriente Médio e dobrando a extração daquelas já encontradas, expandindo a “maldição do petróleo” para os demais países periféricos, como ocorreu nos EUA em 2001. Quando a força-tarefa de energia liderada por Cheney frisou ao governo estadunidense a necessidade de buscar novas fontes de petróleo para diminuir a dependência do país em relação aos países politicamente instáveis do Oriente Médio, mas no fim tal estratégia não contribuiu para a segurança energética dos EUA e ainda dissipou a maldição dos recursos pelos países mais pobres (ROSS, 2015). Por este motivo, sem embargo, os países mais pobres apesar de estarem crescendo junto com os países desenvolvidos, estão crescendo em um ritmo muito menor do que deveriam de acordo com a riqueza em recursos naturais que possuem em seus territórios.

Há uma grande divergência entre estudiosos e cientistas políticos quanto aos países produtores de petróleo e da razão pela qual estes não conseguem se desenvolver, a grande maioria apenas concentra-se em um dos problemas enfrentados pela sociedade do país e acaba negligenciando todo o restante do conjunto, oferecendo soluções apenas em partes. Por esta razão, seguiremos em concordância com a tese de Michael L. Ross, que, em seu livro A Maldição do Petróleo, defende que os problemas políticos e econômicos dos países produtores de petróleo são oriundos dos traços peculiares das receitas de petróleo. Há uma gama de explicações para os problemas enfrentados por estes países, mas nenhum deles correlaciona o petróleo com a corrupção, desigualdade social e autoritarismo sofridos nos territórios. Segundo Ross (2015), o petróleo possui quatro qualidades distintivas: escala, origem, estabilidade e confidencialidade. A escala

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

do petróleo pode ser gigantesca, a dimensão o setor público nos países produtores é, em média, 50% maior que nos países não produtores, isto pois a descoberta de petróleo pode acarretar um aumento exponencial nas finanças do setor público e é justamente este volume acentuado nas receitas que abre brecha para os governos autoritários silenciarem aqueles que lhes são opostos, justificando a razão pela qual estes países possuem um alto índice de instabilidade política (ROSS, 2015). Quando a base dos governos é financiada por impostos, este governo é dependente de seus cidadãos e de suas contribuições para sua manutenção, entretanto quando esta arrecadação muda para uma fonte da qual não é ligada a população, como o petróleo, o governo possui maior autonomia e resistência às pressões advindas de sua sociedade, contribuindo para a formação e apoio, por parte das grandes empresas de modo implícito, de governos ditatoriais e autoritários. Outro fator agravante para a instabilidade das receitas do petróleo é a volatilidade nos preços mundiais conjuntamente com a aumento e diminuição das reservas de uma país, que são capazes de produzir grandes flutuações nas finanças governamentais, sobrecarregando os governos com funções que dificilmente são capazes de gerir durante a instabilidade financeira, bem como também social, ocasionando na dilapidação de suas riquezas de recursos e na acentuação dos conflitos regionais, dificultando o diálogo entre o governo e a oposição (ROSS, 2015). Por último, a condescendência dos governos para com as multinacionais do petróleo, que ocultam suas transações e usam suas companhias petrolíferas nacionais para camuflar suas receitas e despesas, configuram a confidencialidade das receitas do petróleo que é responsável por intensificar os problemas destacados, especialmente a corrupção (ROSS, 2015).

Como resposta para solucionar ditos problemas, há a criação da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) em 1960, formado primeiramente por cinco países produtores: Venezuela, Irã, Iraque, Arabia Saudita e Kuwait, com o objetivo de reequilibrar a renda petroleira de modo a repartir de maneira justa os benefícios que acompanham a exploração do petróleo entre os países produtores, as multinacionais e os países consumidores (GIORDANO, 2002). A principal proposta da OPEP era de corrigir o desgaste das relações de troca entre os países produtores e as multinacionais, que ocorria devido ao grande poder de mercado que estas empresas possuem, e o maior desafio da organização era tentar reverter a queda tendencial que afetava o preço do petróleo no mercado internacional, gerando ainda mais instabilidade. Por mais que houvesse um crescimento no volume extraído de petróleo bruto[1], aumentava-se em maior

[1] Quando o petróleo extraído ainda não passou pelo processo de refinamento.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

medida o número total de reservas comprovadas no planeta, resultando em uma maior facilidade de extração em um nível superior à demanda mundial (GIORDANO, 2002), ou seja, uma situação parecida à crise de 1929 quando a oferta superou a demanda e estagnou a economia do mundo. Após o ápice da cotação do petróleo gerado durante a Segunda Guerra Mundial, se seguiu um longo período de declínio do preço do petróleo no mercado internacional, durante os anos de 1947 e 1970 o preço do barril caiu de 2,22 dólares para 1,26 dólares, enquanto a margem de benefícios das multinacionais petroleiras reduziu de 1,79 dólares por barril para 22 centavos de dólar (GIORDANO, 2002). Ao final deste período sucedeu-se o que conhecemos hoje como a crise do petróleo nos anos 1970. De acordo com Giordano (2002), o petróleo barato colaborou para subsidiar o desenvolvimento rápido dos países ocidentais durante os anos 50 e 60, mas ainda não satisfazia os interesses das grandes empresas petrolíferas.

Correlacionando o exposto acima com o livro de Duna, é possível observar o retrato da exploração de petróleo no Oriente Médio com a exploração do recurso da melange no planeta Arrakis. A obra foi publicada no ano de 1965, pouco antes da crise do petróleo e durante a extração desenfreada de petróleo bruto, fornecendo aos leitores tanto da época quanto atuais, que possuem algum conhecimento acerca da história do petróleo, perceber as nuances com a realidade. Assim como na realidade do sistema internacional nesta época, na obra de Herbert vemos duas principais nações: a casa Harkonnen que é responsável pela exploração massiva da melange e a casa Atreides, que detém um poderio militar de alta tecnologia. Estas duas casas disputam pela hegemonia do sistema, ou seja, competem pela confiança do Imperador e pela extração da melange, e aqui analisa-se a analogia da realidade petrolífera no sistema internacional, sendo a casa Harkonnen as multinacionais que exploram de modo predatório e a casa Atreides como sendo os países consumidores que buscam maiores vantagens acerca do recurso. Além destas, também há o povo do planeta de Arrakis, os Fremen, que simbolizam o povo árabe que têm suas terras e sua força de trabalho explorados pelas multinacionais e pelas superpotências na esperança de alcançarem um futuro melhor e estável.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

4.2 O FANATISMO, RELIGIÃO COMO ARMA E DIVISÃO DE PODER

No tópico asseguir trataremos sobre o papel da religião nos jogos políticos e na identidade do povo árabe, discorrendo como a politização da religião a transformou em uma arma contra aqueles que o Estado acredita ser o inimigo, bem como também a forma pela qual foi interpretada pelo meio externo, cunhado como “terrorismo”, um termo utilizado pelas super potências mundiais como premissa para realização de ataques na região do Oriente Médio. A religião predominante do Oriente Médio é o Islã, e esta compartilha com o judaísmo e com o cristianismo a mesma tradição, as três possuem escrituras e creem em um Deus único, transcendente e criador, mas o cristianismo e o islamismo possuem uma proximidade ainda maior (VAZ, 2021). Esta proximidade se explica no debate a respeito da pessoa de Jesus Cristo, que trouxe uma nova interpretação dos escritos judeus e deste modo, nas palavras de Vaz (2021), se pode dizer que o islã seria uma nova interpretação tanto das escrituras judaicas quanto cristãs.

As três religiões seguem ao Deus de Abraão, o patriarca e pilar de fé, um imigrante e pastor nômade, um homem que conhece ao Deus que acompanha seus fiéis onde forem, assim também é a figura de Moisés que no cristianismo é modelo de Cristo e no islamismo se coloca como o precursor de Maomé (VAZ, 2021). Maomé, além de ter sido o último profeta, segundo o Islã, também foi fundador de seu Estado e império, não necessitou erguer uma igreja física, pois durante sua vida o povo muçulmano que o seguia tornou-se ao mesmo tempo uma comunidade política e religiosa, tendo seu Profeta como Chefe de Estado (LEWIS, 2004). Quando Maomé veio a falecer em 632 d. C., sua missão profética na terra havia chegado ao fim, porém a missão de espalhar ao mundo a revelação divina permaneceu, e para dar continuidade a esta missão institui-se o *califado* com o intuito de prover um substituto ou sucessor do Profeta, este título foi concebido pelo sogro do Profeta Abu Bakr e o primeiro chefe após o Profeta na comunidade islâmica, marcando assim a fundação da instituição histórica do califado (LEWIS, 2004).

Em menos de um século, o governo dos califas tornou-se um grande império e o Islã uma religião universal, nos primórdios da comunidade muçulmana a política e a religião eram intrinsecamente ligados: a religião santificava a política e esta outra sustentava a primeira(LEWIS, 2004). Há um entendimento comum dentro da comunidade de que Deus preocupa-se com a política, embasada na Lei Sagrada que trata de maneira intensiva a respeito da aquisição e exercício do poder, a legitimidade deste e sua autoridade, bem como também das obrigações devidas tanto dos súditos quanto do

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

próprio governante para com seu povo (LEWIS, 2004). As diferenças do Estado Islamico para os demais Estados do sistema internacional se encontram no âmbito político, isto posto em um mundo moderno em que os Estados declaram-se laicos como uma forma de desvincular religião da política, dado que no pós iluminismo, política e religião se dissociaram, enquanto o Estado Islamico construiu internacionalmente um complexo aparato de consulta internacional e também de cooperação (LEWIS, 2004). Uma expressão de cooperação foi a criação da Organização da Conferência Islâmica, em setembro de 1969 no Marrocos, com o objetivo principal de fornecer ajuda aos países mulçumanos mais pobres, apoiar as minorias muçulmanas em países não muçulmanos e a posição internacional do islã (LEWIS, 2004). Esta presença religiosa na política dos países muçulmanos é muito comum, apresentando-se em maior grau no campo doméstico que em suas relações internacionais, isto porque a grande maioria destes países possuem o islã fortemente enraizado em sua cultura e nas práticas cotidianas, transparecendo também em sua política externa e nas palavras de Lewis “o islã é não apenas uma questão de prática; é também uma identidade e uma lealdade que, para muitos, transcendem todas as demais” (LEWIS, 2004, pág. 28).

O período de revolução no islã, ou seja, em que o islã tornou-se para o Ocidente fonte de radicalismos e do terrorismo, possuiu três principais componentes segundo Bernard Lewis (2004): o senso de huimilhação, a frustração e um novo senso de poder. O primeiro, discorre o autor, é o sentimento compartilhado da comunidade de serem o povo escolhido para proclamar a verdade de Deus aos infiéis, mas acabaram sendo dominadas e exploradas por eles, e por mais que tenham sido libertados dessa sujeição, o povo fiel se encontra perdido e desconectado de sua fé. Em adição à este sentimento, surge a frustração que, devido às orientações ocidentais fornecida para tratar essa ferida aberta pela humilhação, causada pela colonização ocidental, que apenas serviram para agravar a dura realidade vivida no Oriente Médio, essa consternação apenas aumentou e não o inverso como prometeu o Ocidente. E por fim, marcando essa onda revolucionária, manifesta-se uma nova confiança e o novo senso de poder que ocorreu a partir da crise do petróleo de 1973, quando os países produtores de petróleo apoiaram a guerra do Egito contra Israel, fazendo de seu poderio petrolífero sua principal arma contra o capitalismo e atingindo resultados positivos em seus interesse (LEWIS, 2004). Destes três elementos resultou um quarto: o desprezo, observando a Europa e a América, os muçulmanos concluíram que estes continentes estão vivendo uma degradação moral e fragilização da civilização ocidental e, em meio a este cenário composto de crescentes tensões,

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

ideologias inconstantes, deslealdades e decadência de instituições, nasce uma nova diretriz islâmica oferecendo emocionalmente uma base familiar para a identidade social, a solidariedade e a inclusão, tal base que é aceitável de legitimidade e autoridade (LEWIS, 2004). O islamismo radical teve seu nome adaptado para fundamentalismo, caracterizando um movimento heterogêneo que prega uma ampla critica a sociedade, do ponto de vista dos fundamentalistas os muçulmanos tomaram um caminho errado em sua história que os condicionaram às tribulações que vivem, e como única forma desta situação ser solucionada é o retorno ao modo de vida original muçulmano, e o caminho para alcançar este modo de vida começaria pela derrubada de governos apóstatas e infieis às Leis Sagradas. Os seguidores do fundamentalismo são antiocidentais, de modo que acreditam que a fonte de todo o mal que assola a comunidade muçulmana provém do Ocidente, e como forma de combater este mal começam “limpando” de dentro para fora, como foram os casos de Irã em 1979, na derrubada do governo do xá Mohammad Reza Pahlavi, e com o assassinato do presidente Sadat do Egito em 1981.

Os métodos utilizados pelos fundamentalistas para expurgar o mal da comunidade muçulmana traz consequências tanto para o âmbito interno quanto o externo, pois o na interpretação ocidental estes atos fundamentalistas caracterizam-se como “terrorismo”, e como forma de combate a esta prática o Ocidente realiza ações imperialistas na região do Oriente Médio. O uso empregado pelo Ocidente deste termo segundo Halliday (2000) é como um meio de julgar moralmente o Oriente, além de países ocidentais cometerem crimes contra países orientais com a premissa de estarem combatendo a oposição radical que ameaça à democracia e também de fazerem com que os crimes da oposição “terrorista”. Estes termos são cunhado de forma a negar a legitimidade de seus protestos ou de seus direitos de resistir e de manifestar-se, ações partidas de grupos que não possuem poderes suficientes para transformar sua realidade sozinhos, fenômeno que Fred Halliday (2000) chamou de “terrorismo vindo de baixo”[2]. Este termo geralmente é aplicado para atos violentos individuais que são apartados de um contexto de guerra, mas que carregam consigo fins políticos usando o terror como instrumento. O autor nos destaca ainda que há quatro diferentes aspectos do conceito de terrorismo: o primeiro, e que devemos dar maior atenção, aspecto é o terror governamental, aquele que é imposto à população, e este, nas palavras de Halliday (2000), seria “terrorismo vinda de cima”, um Estado que utiliza de seu monopolio de uso da força contra sua própria população, bem como também no meio internacional, e há também uma correção moral do Estado para

[2] Tradução livre.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

com o povo através do âmbito acadêmico e instituições estatais. O segundo refere-se aos atos isolados de violência, que não possuem vinculação com o conflito que está ocorrendo no país e possuem maior finalidade de causar medo na população do que propriamente contribuir para a causa. Na definição empregada pelo Ocidente e Israel, em 1980, o terrorismo refere-se a atos de violencia realizados internacionalmente, de modo a atingir um terceiro que se encontra fora de seu contexto conflituoso. Porém, é curioso observar que este mesmo conceito não aplicou-se para os EUA, ou seus aliados, quando apoiou e invadiu países orientais, como Israel no Líbano, os EUA no Afeganistão e o apoio norte americano contra a Nicarágua (HALLIDAY, 2000). O problema, apontado por Halliday, é de que quando se fala em terrorismo internacional se transmite o entendimento de que há uma rede organizada mundialmente que tolera, permite e apoia o terrorismo e em diversos países, e que esta organização terrorista unida teria conexões com militares, políticos e recebiam apoio financeiro entre os grupos espalhados pelo mundo, realizando ataques coordenados entre si, entretanto, tal premissa nas palavras de Halliday (2000) não passa de um mito. Se formos analisar com mais atenção, a organização terrorista deveria ter seus interesses bem definidos e uma estrutura extremamente articulada, impedindo que haja espaço para questionamentos, porém uma coisa é lograr tal coisa regionalmente, outra bem diferente é conquistar essa articulação e coordenação mundialmente.

O terceiro aspecto a ser destacado é a classificação dada pelo Protocolo de Genebra de 1977, do qual destaca as formas de violência que são consideradas inadmissíveis em guerras civis, o impasse seria a facilidade com que se confunde o debate acerca do uso da violência política para deturpar a identificação de violência, com a legitimidade da causa pela qual o ato foi cometido. Para evitar esse equívoco é preciso ter em mente a distinção entre a crítica à certas formas de violência e a validação da causa por si mesma (HALLIDAY, 2000). O quarto e último aspecto do terrorismo é este como uma ansiedade globalizada, o grande medo do final do século XX, em que o terrorismo se torna uma preocupação pública, refletido e promovido como um problema de Estado, algo a ser discutido em ambientes acadêmicos. Segundo esse pensamento, a questão do terrorismo estaria sendo usada para encobrir outros fenômenos e para justificar a ação política direta, e ao tomar este tipo de posicionamento há uma distorção no grau de acentuamento de determinados tipos de atos violentos internacionais (HALLIDAY, 2000).

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

O que podemos extrair do que foi exposto é como uma cultura e prática tão profunda em um povo pode ser usada como um instrumento de guerra entre os dominadores e os dominados. É ressaltado no texto acima que o islamismo possui fortes laços com as tradições judaico-cristãs, religiões muito presentes em países conservadores, colonizadores e liberalistas, e é a religião considerada entre os árabes como a última mensagem de Deus para a humanidade, entretanto é a que recebe mais criticas e condenações da população mundial. Argumentamos que, por o islamismo ter suas raízes no Oriente Médio e ter nascido de um pensamento longinquo ao europeu, no sentido de que Cristo não foi o último profeta e também pelo entendimento da *jihad* (significa luta ou exercício do próprio poder no caminho de Alá contra o mal; o objetivo é destruir o mal, difundir a crença em Alá e tornar Sua vontade suprema neste mundo.(MOHAMMAD, 1985)), foi, e ainda é, julgada como a religião extremista e violenta que pratica atos de terrorismo em nome de Deus para a salvação do povo. Esta distorção da realidade islâmica é cruel e liberalista, porque condena toda a população árabe como possível terrorista, estimulando preconceitos às práticas tradicionais muçulmanas, como por exemplo o uso do *hijab* pelas mulheres e o *Ramadan*, o mês sagrado em que muçulmanos jejuam em virtude de fortalecer sua conexão com Alá (Deus).

No livro de Duna, o autor retrata essa realidade segundo a visão estadunidense, em que os atos terroristas são demonstrados por meio dos ataques do povo fremen às naves colheitadeiras de especiarias e a infiltração de pessoas ligadas ao movimento de resistência fremen nas grandes casas com intuito de assassinar ou tumultuar os planos destas casas. Isto ocorre em um dos primeiros capítulos do livro, em que a consorte do duque da casa Atreides, responsáveis agora pela exploração do planeta de Arrakis, quase sofre um atentado contra sua vida por uma das servas fremen enviada para recepcioná-la em sua chegada ao planeta, este dentre muitos outros acontecimentos explicitados no decorrer da obra. Apesar deste livro ter sido escrito há muitos anos, ainda se mantém incrivelmente atual, porque percebemos uma repetição de padrões estabelecidos desde pouco antes da crise do petróleo em 1970. Estamos reproduzindo os mesmos conceitos implantados pela mídia e pelos países ocidentais de que o inimigo é aquele que pensa, vive e se comporta diferente daquilo estabelecido pelas grandes potências ocidentais, sem a pretensão de entender suas razões e vivências, ainda é mais fácil ter medo ao invés de conhecer o diferente.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

4.3 INVASÃO, DESTRUIÇÃO E A LÓGICA DA SOBREVIVÊNCIA

Neste tópico abordaremos a importância da *jihad* islâmica para o Oriente Médio, bem como também transformou as estruturas sociais, políticas e econômicas da região, para explicar sua relevância para o sistema internacional usaremos como base a teoria realista das Relações Internacionais, em específico a autora Cristina Soreanu Pecequilo, no decorrer do texto.

Como já explicitado anteriormente, o islã reconhece Abraão, Moises e Jesus como figuras da religião devido a sua conexão com as religiões monoteístas judaísmo e cristianismo, que é completada pela figura do Profeta Maomé. Durante a época do Profeta, a cidade islâmica sagrada Meca tornou-se um grande centro comercial e um local de peregrinação (MOHAMMAD, 1985). O islã foi responsável por criar uma nova ordem na estrutura política que foi capaz de substituir a anterior (MOHAMMAD, 1985), por esta razão, sendo uma nova ordem, há um termo que segue tendo seu significado deturpado por agentes externos a fim de condenar a religião que é a *Jihad*. Frequentemente esta palavra é confundida e aplicada para as guerras seculares que ocorrem no Oriente, entretanto é um erro utilizá-la desta forma uma vez que no islamismo a agressão entre os povos é inaceitável (MOHAMMAD, 1985). A palavra *Jihad* no Alcorão significa lutar contra seus próprios males e demônios a fim de derrotar o mal interior, estreitar os laços com Allah e propagar sua verdade pelo mundo por meio do auto sacrifício, não está explícito no livro que a guerra com o outro, seja ele quem for, faz parte da *jihad* interior, ainda que no livro sagrado é orientado aos fiéis combater aqueles que os combatem contanto que não se tornem agressores (ALCORÃO, 2:190).

Este é um fenômeno que tem sido recorrente às autoridades dos países islâmicos que empregam esta interpretação do livro sagrado para fundamentar seus ataques à outros Estados de maneira a torná-los moralmente aceitáveis diante da comunidade doméstica e internacional, distorcendo o verdadeiro sentido da *jihad* interior para referir-se a *riddah*, um termo cunhado por Abu Bakr, o primeiro califa após a morte do Profeta Maomé, que se refere à uma guerra de apostasia (MOHAMMAD, 1985). A apostasia no islã é considerada traição, pois a sociedade está fundamentada nos ensinamentos do Alcorão, toda e qualquer pessoa que renuncia a fé e se mantém dentro da política islâmica é considerada como traidora, por isto o conceito de *jihad* se expande também para combater a apostasia. O uso da religião para fins de opressão é uma prática que não é de uso exclusivo e primalistico do Oriente Médio e do Islã, se observarmos a história da

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Europa podemos observar a opressão do politeísmo romano sob o judaísmo e cristianismo, bem como também a repressão do cristianismo sob as terras do Oriente Médio com o intuito de reconquistar a terra santa das mãos dos “bárbaros”, que se deu por meio das Cruzadas.

Atualmente, é notável a realidade de que o islamismo está sendo subvertido tanto pelos líderes dos Estados quanto pela comunidade internacional através dos veículos midiáticos, tornando esta fé tradicional em uma ameaça à segurança internacional de diversos países, mas o que nota-se verdadeiramente é o uso descabido da fé para justificar atos de violência extrema. Estamos vivenciando uma ascensão de governos de direita e extrema direita em diversas partes do globo e especialmente na América Latina, como a eleição de Jair Bolsonaro no Brasil em 2019, de Nayib Bukele em El Salvador em 2021 e a de Javier Millei na Argentina em 2023, e junto deles ressurgem discursos de ódio e xenofobia disfarçados de patriotismo e segurança nacional que supervalorizam a privatização e o capital estrangeiro, submetendo a população a condições escassez e miséria como consequência. As oratórias deste perfil de candidato costumam evocar Deus, família e pátria como base e seguem desenvolvendo por um caminho onde a salvação da economia está na privatização e a moral deve ser restaurada através da força legítima do Estado e frequentemente, se associa a algum viés religioso, comumente de cunho cristão, para ganhar apoio da parcela mais conservadora da sociedade. A religião hoje tornou-se arma política poderosa capaz de influenciar massas inteiras que, ao agirem de modo que acreditam ser a vontade de Deus proclamada por meio de seus governantes, tomam atitudes que antes seriam impensáveis à elas, fato também retratado na obra de Herbert que descreve em detalhes que a guerra do povo de Arrakis contra os invasores simboliza mais do que apenas a libertação de seu planeta, mas também a libertação da fé e que toda a luta até alcançar este objetivo faz parte do processo de purificação e preparação para a salvação eterna.

Ao olharmos o paralelismo destes elementos com as lentes das Relações Internacionais, combinado às referências vistas em DUNA, vemos a aplicação de teorias como a realista clássica e a decolonial, sendo o foco da teoria realista a disputa pelo poder, os interesses nacionais e principalmente a sobrevivência dentro do sistema anárquico (PECEQUILO, 2012). E esta tese é qualificada para explicar a conspiração entre o Imperador e a Casa Harkonnen contra a Casa Atreides, uma vez que esta última teve um aumento em sua popularidade e o Imperador, receoso em perder sua influência hegemônica, se utiliza da rixa que a Casa Harkonnen possui em relação aos Atreides

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

para garantir a estabilidade de seu poder. Outro ponto a ser destacado é com relação às reservas de recurso, assim como o petróleo é um elemento central da geopolítica no Oriente Médio a especiaria da mélange é o pilar econômico e de poder do Império, por este motivo quem controla a fonte do recurso detém o controle sobre a balança de poder do sistema. Em relação a segurança e sobrevivência denota-se que Paul Atreides, após a queda de sua Casa por conta do golpe, adota o modo de vida fremen para sobreviver ao novo ambiente hostil e, ao conquistar a confiança e legitimidade na comunidade nativa de Arrakis, faz uso da força de guerrilha fremen e de seu poder sobre a especiaria para chantagear os demais atores interplanetários e garantir a sua soberania.

> *"– Aquele que tem como destruir uma coisa é quem realmente a controla – disse Paul. – Nós temos como destruir a especiaria.*
> *– O que está segurando a Guilda? – sussurrou Jéssica.*
> *– Estão à minha procura – respondeu Paul. – Pense nisso! Os melhores navegadores da Guilda, homens capazes de sondar o futuro e buscar o trajeto mais seguro para os paquetes mais velozes, todos eles procurando por mim... e sem conseguirem me encontrar. Como tremem! Sabem que tenho o segredo deles aqui! – Paul ergueu a mão em concha. – Sem a especiaria, estão cegos!" (HERBERT, 1965, p. 582-583).*

Mudando a lente teórica das Relações Internacionais, a teoria decolonial critica a colonialidade do poder, a dominação colonial sobre o ser e o seu saber, com enfoque na subversão dos padrões que foram impostos aos colonizados pelas metrópoles (GUEVARA, 2019). Analogamente à obra de Duna, percebemos que Arrakis nada mais é que um fonte de riqueza "inesgotável" de recurso e poder para o sistema interplanetário, como uma colônia a ser explorada sem preocupar-se com a população nativa e seus costumes, ou seja, sem reconhecer o Outro. Para os fremen, seu planeta é um organismo vivo e guardião do sagrado, e a luta deste povo contra a dominação estrangeira caracteriza-se como um ato de resistência e de busca por autonomia, soberania e território, assim como também foi a luta do povo árabe primeiramente contra o autoritarismo do Império Turco Otomano e depois de sua queda, contra o poder hegemônico das super potências. Outra forte ferida infligida no povo árabe foi a sua descaracterização no campo das ideias pelo Ocidente, do qual este criou sua identidade limitando a identidade do Oriente/Outro (SAID, 1990), o povo fremen também sofreu essa descaracterização através da Irmandade Bene Gesserit que implantou com as Missionárias Protectora lendas acerca do Profeta para manipular a sua fé (HERBERT, 1965).

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Com isso, se faz compreensível a disputa hegemônica entre as Grandes Casas e o Imperador, com as disputas por influência e território, principalmente de Inglaterra e França na região do Oriente Médio, à luz da teoria realista. Assim como a teoria decolonial também oferece os meios necessários para compreender o povo fremen e ligá-lo como uma representação do povo árabe que lutou, e ainda luta, contra a exploração e intervenção hegemônica internacional em seu território nos campos militar, econômico e especialmente de conhecimento.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

5. DUNA NA REALIDADE DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DE ISRAEL E PALESTINA

No presente capítulo iremos expor o cenário conflituoso entre Israel e Palestina sob o olhar do enredo de Duna, a situação no planeta Arrakis retrata de maneira significativa o atual embate na região da Palestina, remetendo a luta de resistência do povo fremen frente a dominação exploratória da casa Harkonnen à luta pela sobrevivência do povo palestino contra o expansionismo israelense. A seguir será detalhado as origens tanto do Estado judeu quanto da região da Palestina, também abordaremos o grupo do Hamas e logo após, apresentaremos como estes três atores do sistema internacional podem ser simbolizados na obra de Frank Herbert.

5.1 O ESTADO JUDEU

O Estado Judeu que contemplamos atualmente, perpassando a guerra entre Israel e Hamas pela região da Palestina, foi idealizado muitos anos antes pelos judeus, dentre eles autores intelectuais como Dr. Enrique Herzka e Theodor Herzl. Este último em especial trata a obra de Herzka como uma utopia engenhosa que se situa distante da realidade vivida pelos judeus na Europa e no mundo, Theodor condena a obra enfatizando se tratar de um maquinado complicado em que as engrenagens podem até se encaixarem porém é muito difícil ser posta em marcha (HERZL, 1997). Em contrapartida, Theodor Herzl destaca que sua obra O Estado Judeu representa um esboço embasado na realidade, indicando os caminhos mais adequados para atingir o tão sonhado Estado Judeu, um desejo que nasce da miséria na qual os judeus padecem pelo mundo. No período em que é escrito esta obra, finalizada em 1894 mas publicada somente em 1896, o povo judeu passava um estado de sofrimento e perseguições constantes, quanto maior a comunidade em um determinado país maior era o sofrimento infligido. Ainda que uma parte deste povo fosse dotado de escolaridade de nível superior, jamais poderiam ocupar os cargos de suas relativas áreas de formação devido à sua orientação religiosa, um exemplo seria um médico judeu jamais poderia atuar como médico, de modo legalizado, uma vez que não possuia seu diploma e/ou habilidades reconhecidas na sociedade em que estava inserido devido a sua religião.

Seja qual fosse o país do qual se refugiassem, era apenas uma questão de tempo até o sentimento antissemita nascesse naquela sociedade, tornando os judeus, em sua

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

visão, estrangeiros sem uma terra para qual retornar. Todo e qualquer sentimento que poderia vir a nascer no povo judeu relacionado ao patriotismo do território em que estavam alocados eram vão, segundo Herzl, pois aos olhos daquela e qualquer comunidade eram tachados como forasteiros por conservarem sua fé. Por este motivo, o autor situa que os judeus estão presentes nas mais diversas camadas da sociedade, vivendo nas sombras, mas sempre ativos nos campos mais importantes da sociedade, seja ela capitalista ou socialista, arquitetando e influenciando as camadas das sociedades, prática que enraizou-se na comunidade judaica e que hoje é chamada de *lobby judeu*, e que o problema judeu somente poderia ser solucionado por nações civilizadas, uma vez que tal questão deveria ser vista como um problema de política internacional. O que ocorre nos tempos de Herzl é que o antissemitismo vivido na época era diferente do ódio religioso contra o povo judeu que era exercido muitas décadas antes, isto pois o antissemitismo de sua época é fruto da emancipação judaica após decisão das nações civilizadas decretarem que as leis de exceção eram desumanas (HERZL, pág. 20). Com essa determinação, após a emancipação, houve um choque de classes, no caso a classe média burguesa chocou-se com a classe média judaica, e para os judeus serem aceitos nos círculos burgueses cristãos eles deveriam suportar uma dupla pressão proveniente tanto do meio interno quanto do meio externo. A ideia central de Theodor Herzl para sanar esta adversidade seria a construção de um Estado Judeu, e para tal ele descreve em detalhes como ocorreria sua construção desde o início. Em um primeiro momento, deveriam ser criados dois grandes órgãos basilares para a empreitada: a *Society of Jews* e a *Jewish Company*, o primeiro é encarregado pelos projetos de cunho científico e político, enquanto o segundo irá colocá-los em prática. A *Jewish Company* será responsável pela liquidação de todas as fortunas dos imigrantes judeus e da organização da economia do novo Estado, esta imigração será feita de modo gradual onde os primeiros a irem serão os mais pobres, que terão o dever de lavrar a terra por primeiro. Aqueles mais desesperados são responsáveis pela criação da infraestrutura básica do novo Estado, sendo eles guiados por intelectuais médios, pois estes são perseguidos em toda parte e que mais são reproduzidos dentro da comunidade judaica (HERZL, pág. 23). Um dos pontos mais interessantes na escrita de Herzl com relação a construção do Novo Estado, é a configuração da *Jewish Company,* que foi concebida seguindo os modelos das grandes companhias colonizadoras, possuindo um caráter de entidade jurídica que segue as leis inglesas e obtém a proteção da Inglaterra. Trata-se de uma instituição de cunho transitório, que não goza de direitos de soberania e

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

muito menos possui apenas fins colonizadores, sua principal contribuição será de ser facilitadora de aquisição de propriedades por parte dos compradores dos bens dos judeus, é esta especulação das terras no Novo Estado que produzirá o lucro da *Jewish Company*.

A constituição deste Estado seria, nas recomendações de Herzl, uma monarquia democrática ou uma república aristocrática, isso porque, segundo o autor, a forma de governo e seu princípio devem encontrar-se em uma oposição equilibrada e apresenta que as monarquias possibilitam uma política consequente e representam um interesse pela conservação do Estado, por parte de determinado grupo ou família que nasceu e foi educada para governar. O autor ainda ressalta que a democracia por si só, sem o sopeso da monarquia, desenvolve-se de modo desregrado, ocasionando a burocracia parlamentar e tem seu fim na classe dos políticos profissionais, e os povos, diz Herzl (pág. 60). Além disso, ele traz a luz alguns aspectos menores mas que são importantes para a convivência entre os judeus na nova pátria, como a questão do idioma, Herzl explicita que cada grupo poderá conversar na língua materna, e conforme o avanço do tempo, o idioma que parecer mais útil à comunidade será a imposta como idioma principal, de maneira não violenta. Também é abordado a questão da teocracia, da qual é determinado por ele que fé e ciência devem andar lado a lado, mas mantendo-se cada um em seu devido lugar, sem ultrapassar o domínio do outro, pois assim a fé manterá o povo unido e a ciência garantiria a liberdade do povo. Com relação às leis, como já explanado anteriormente, serão formuladas pela *Society of Jews* conforme a consolidação do novo Estado, e por fim, o exército do Estado Judeu, nas palavras de Theodor Herzl, deve ser profissional, para preservação da ordem no ambiente interno e externo, mesmo que o Estado adote uma posição neutra (pág. 62).

Há muitos outros aspectos que são trazidos ao debate por Theodor Herzl, como a temática da bandeira, as vantagens da migração judaica e a reciprocidade de tratados de extradição, mas não serão aqui apreciados com maior profundidade pois daremos abertura para a discussão, que possui uma importância central tanto em nosso trabalho quanto no livro O Estado Judeu, de escolha do local para fundação deste novo Estado. O debate girava, principalmente, em torno de dois locais: a Argentina e a Palestina, apesar destas duas opções acreditamos que ela tenha sido ponderada por muito tempo, bem planejada, pelos intelectuais judeus e pelo próprio autor. Isto pois, no livro, Herzl traz a Argentina como um ótimo Estado para acomodar os judeus uma vez que não possui uma densidade demográfica elevada e por se tratar de um país muito rico, porém o autor

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

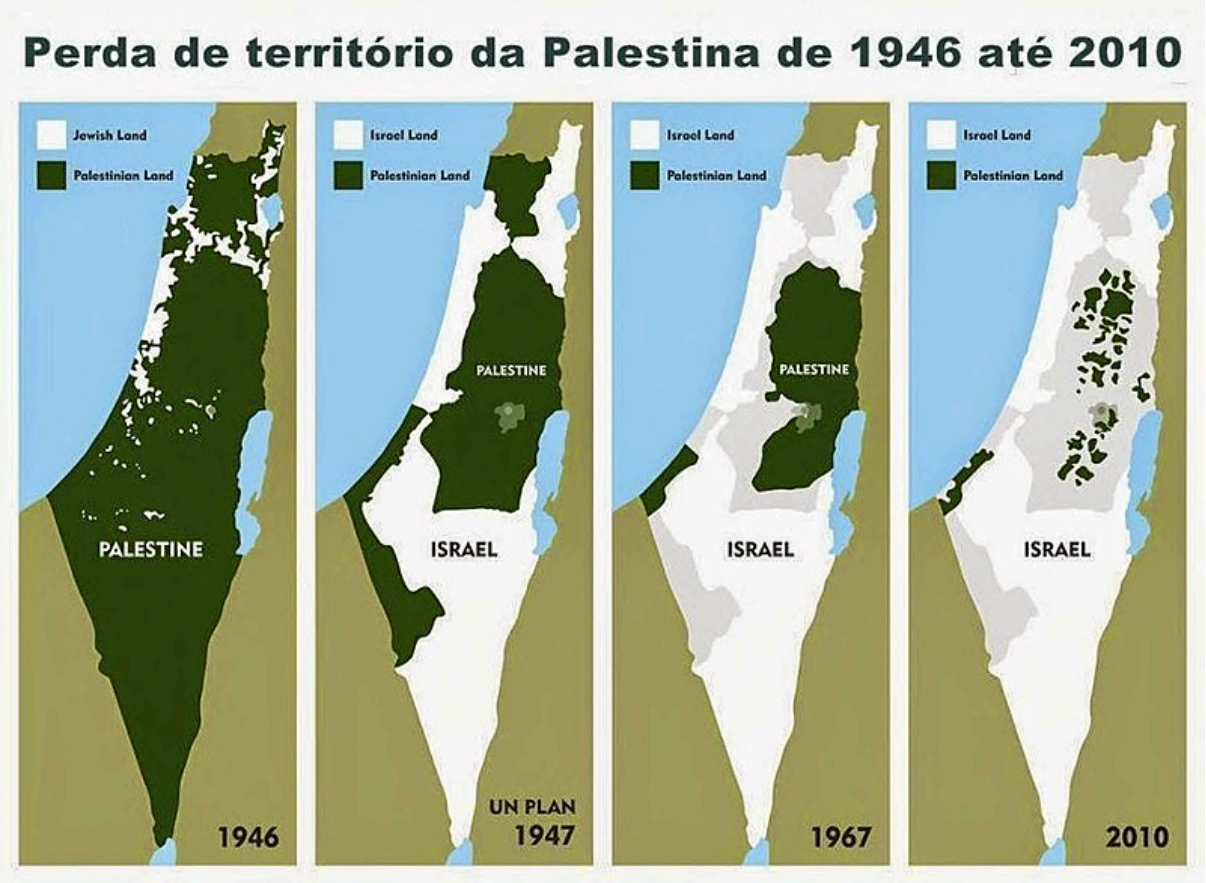
também coloca que a presença dos judeus no território causou descontentamento na população, e que seria necessário explicar para essa nação a diferença entre as migrações já ocorridas e a que estava por vir, podendo ou não ser aceita pela população. Seguindo esta linha de raciocínio, Herzl logo em seguida apresenta o motivo pelo qual a Palestina seria a melhor opção para fundamentar o Estado Judeu, posto que essa região é a patria histórica inolvidável dos judeus (pág. 24) nas palavras do autor. Ele apresenta os mais diversos argumentos para validar sua fala e provar que este é o certo a se fazer, dizendo que, caso o Sultão lhes cedesse a Palestina, o povo judeu estaria comprometido a sanear as finanças da Turquia, e para os europeus o Estado Judeu na região palestina serviria como uma vanguarda na luta européia contra a barbarie asiática (HERZL, pág. 24). Sendo um Estado neutro, manteria relações com a Europa e esta lhes garantiria sua existência e considerando os locais santos da cristandade, a intenção seria de formular uma extraterritorialidade seguindo o direito internacional.

5.2 A PALESTINA

A região geográfica da Palestina começa a partir das fronteiras com o Líbano e a Síria, na costa com o Mar Mediterrâneo, e se estende até fazer fronteira com o Egito e a Jordânia, abrangendo os territórios da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. Com o decorrer dos anos, e principalmente com o avanço do sionismo, que ganhou apoio no pós guerra das grandes potências, a zona de domínio do território por parte dos palestinos foi diminuindo até tornar-se ínfima na região nos dias atuais. Isto ocorre devido ao expansionismo israelense, que é dotado de características coloniais em sua estrutura, como já apresentado no capítulo anterior, e que se utiliza do discurso de combate aos grupos terroristas como ferramenta para a expansão de seu território na região, tendo como principal apoio os EUA.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Mapa 3 - Perda de território da Palestina entre 1946 e 2010



FONTE: Portal Trip Tips (2025)

A ocupação judaica na região palestina ocorreu no pós Segunda Guerra Mundial, quando as potências europeias entraram em consenso de que o povo judeu precisava de um lugar para estabelecer-se como Estado, especialmente após sua população ter sido massacrada pelo nazismo europeu com o holocausto. Por isto, os judeus foram remanejados, com apoio dos britânicos na empreitada de Theodor Herzl, para a região da Palestina que era denominada pelos judeus como sendo sua região por direito histórico e os demais povos que ali habitavam a região eram tidos como invasores. A proposta elaborada pelas Nações Unidas, com a Resolução 181 em que repartiria o território entre um Estado árabe e outro judeu, onde 47% seria domínio árabe e 53% domínio judeu (Interactive Encyclopedia of the Palestine Question), não foi aceita pelos povo palestino e fez desencadear a guerra árabe-israelense, onde Israel guerreou contra a Egito, Arábia Saudita, Jordânia, Iraque, Síria e Líbano, e venceu, conquistando mais da metade do território palestino (VIEIRA, CARDOSO, SCHEFER, 2018). Para os palestinos, a delimitação e distribuição de suas terras poderia ser considerado uma espécie de “roubo”, tanto da terra quanto de sua história como povo, por este motivo o dia do início da

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

ocupação ficou marcado para eles como *Al Nakba*, a grande catástrofe (MARINHO, 2015).

Adentrando o campo teórico, o autor Edward Said (2012) constrói, em seu livro A Questão da Palestina, o território palestino como uma questão que precisa ser discutida, a incógnita internacional mais difícil de ser debatida no pós guerra que é a luta pela, para e na Palestina (SAID, 2012). Se refere a uma temática amplamente debatida e contestada tanto para os palestinos, e seus apoiadores, quanto para seus inimigos, isto pois a Palestina não é reconhecida como um Estado, mas como uma ideia e experiência política humana que surge diante de atos persistentes da vontade popular (SAID, 2012). Para grande parte da população que acompanha as notícias a respeito do Oriente Médio através dos jornais e demais mídias, se propaga a visão de um território com alta instabilidade e, consequentemente, com elevada propensão a guerras, principalmente entre grupos de países árabes contra Israel, e quando dizemos árabe, abarcamos também os palestinos. Mas o que é ocultado pela mídia, e por alguns estudiosos, é que por centenas de anos este povo vive na terra da Palestina, um povo que possui essência pastoril e que é social, cultural, política e economicamente declarado em sua língua árabe e religião islâmica (SAID, 2012). Este povo desenvolveu um laço estreito com a terra que cultivou e que vive até os dias de hoje, mesmo com a unânimidade européia em destituí-los da região e reintegrar ali o povo judeu, a identidade palestina apenas se fortaleceu e ganhou voz. O autor ainda nos traz que a disputa na Palestina pode ser tida como um confronto entre duas culturas, a primeira é evoluída (ou em evolução) e a segunda é relativamente retrógrada de uma maneira que pode ser dita como tradicional, e por este motivo a guerra entre as duas ocorreu de modo desigual desde o princípio do conflito, pois a primeira caça a segunda de forma que a mais forte sobreviva e torne-se dominante na região. A Palestina sempre teve um papel particular no pensamento Ocidental e em sua vontade política, dado que é a terra das peregrinações, do sagrado nas três religiões monoteístas, o grande prêmio das Cruzadas, o sagrado na Terra que possui uma importância doutrinária e com isso vemos, Lamartine nas palavras de Edward Said, o uso de um discurso para o futuro utilizando fatos passados para tentar apagar a realidade existente entre o passado e o futuro, ou seja, o molde ideal contra a realidade concreta (LAMARTINE *apud* SAID, 2012).

Observa-se, as vistas das relações internacionais, que Israel segue a corrente realista ao promover no território palestino um Estado de Natureza de guerra de todos contra todos em busca de sua própria sobrevivência em prol da superação do outro,

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

tornando toda a região e o sistema internacional instável neste jogo de soma zero (PECEQUILO, 2012). No realismo de Max Weber é definido que o Estado é o detentor do monopólio legítimo da força e de seus meios de dominação que são a lei, a tradição e o carisma (PECEQUILO, 2012). Israel discorre sobre a escolha da Palestina para a construção do Estado Judeu com base na história escrita da Torá e na tradição judaica, validando sua justificativa por meio do holocausto judeu, que ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, para conquistar a solidariedade internacional e o apoio das grandes potências, após a instituicionalização de Israel e sua inserção na comunidade internacional, coloca em prática suas estratégias para afirmar sua soberania e identidade política sionista.

O Estado judeu possui fortes características imperialistas e coloniais em seu *modus operandi*, na própria idealização feita por Theodor Herzl ele explicita que esta empreitada é de cunho colonialista e a príncipio, em uma interpretação mais branda, pode-se pensar no sentido de dar a um povo sem terra um lugar para se estabelecer, mas o conceito de “colonialismo” ultrapassa esta linha e adentra no campo das práticas coloniais, que estratifica a terra e a sociedade entre os colonizadores e os colonizados. A escola pós-colonialista identifica isso como uma relação antagônica, em que “a presença do outro me impede de ser totalmente eu mesmo. A relação não surge de identidades plenas, mas da impossibilidade de constituição das mesmas” (Laclau e Mouffe, 1985, *apud* Ballestrin, 2013). Deste modo, acaba causando a perda identitária do povo colonizado, ou como é no caso palestino, do povo oprimido, com o intuito de sobrepor a cultura colonizadora sobre este povo a fim de acabar com sua resistencia e torná-lo mais dócil. No caso palestino constatamos uma resiliência muito grande por parte de sua população ao resistir a dominação israelense, que impõe sua dominação por meio de, não apenas medidas militares contra o território mas também por meio de confisco de terras palestinas, de recursos naturais como a água, restrição de circulação de pessoas e bens, fragmentação dos mercados nacionais, além de uma dependência forçada da economia de Israel, bem como também o contínuo processo de desagriculturação e desindustrialização da economia palestina por parte de Israel (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2016).

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

5.3 O HAMAS

De maneira breve, trataremos sobre um importante ator para as relações de conflito entre Israel e Palestina atualmente, que é o grupo islâmico Hamas. Fundado em 1987 como uma extensão da organização islâmica Os Irmãos Mulçumanos, criada no Egito, a organização do Hamas tinha o objetivo de eliminar o Estado de Israel e em seu lugar erguer o Estado Islâmico, incluindo os territórios da Faixa de Gaza e da Cisjordânia (NOIVO, 2008). No artigo 11 da Carta Fundamental do Hamas, é destacado que o território palestino é indivisível e que não pode ser concedido a ninguém em nenhum aspecto, e como meio para cumprir tal objetivo, o movimento do Hamas estabeleceu três alicerces: o primeiro é desenvolver atividades sociais afim de se aproximar da população e conquistar seu apoio, o segundo é se organizar politicamente para fazer frente a Organização de Libertação da Palestina (OLP) e a Autoridade Palestina (AP), e terceiro e último,executar práticas de guerrilha e ataques à Israel (NOIVO, 2008).

Frequentemente, a organização do Hamas é mais atuante internacionalmente do que as demais organizações presentes no território palestino, isto pois o conselho do Hamas mantem encontros frequentes que se preocupam em supervisionar as diversas atividades do grupo, desde os meios de comunicação até as ações militares, a fim de coordenar o que foi decidido em conselho com a prática fora dele. Com o passar dos anos, o Hamas precisou adaptar-se às mudanças no cenário tanto interno quanto no internacional, em 1987 a organização começou a atacar israelitas que estavam dentro da sociedade palestina e criou a força intervencionista *Majd* (NOIVO, 2008). Quatro anos mais tarde, em 1991, o *Majd* foi integrado à organização das Brigadas Qassam, que são também um ramo do movimento islâmico da região, e deram continuidade às atividades de sequestro de colaboradores e atentados contra israelitas (NOIVO, 2008).

A organização do Hamas ascendeu ao poder na Palestina em março de 2006, com os cofres públicos vazios devido a medidas políticas tomadas pela AP para cortar a fonte de arrecadação de fundos e limitar a capacidade de uso dos fundos governamentais. Como resposta internacional, os Estados Unidos ameaçaram colocar em sua lista negra todas as instituições financeiras que fizessem acordo com a Palestina (NOIVO, 2008). Hamas posicionou-se de modo neutro, não demonstrando reação frente às ameaças estadunidenses devido a segurança que tinham de que os Estados árabes e mulçumanos iriam suprir suas necessidades econômicas, porém os países árabes apenas observaram a situação sem demonstrar qualquer sinal de apoio (NOIVO, 2008). Com isso, houve um

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

agravo nas condições socioeconômicas nos territórios palestinos , alta inflação e poucos salários pagos, além da reduzida assistência da AP para com o governo do Hamas (NOIVO, 2008). Com isso, desde a ascensão do Hamas ao poder, a Palestina tem se afundado ainda mais em conflitos armados e crises econômicas, pois a presença do grupo na região causou mal estar e receio tanto para os países vizinhos, especialmente Israel, quanto para países ocidentais, como os EUA.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho é destacado as nuances entre o livro Duna e a realidade do Oriente Médio, nossa intenção é demonstrar como a literatura interpreta a realidade das relações internacionais e de como nos auxilia a compreendê-las de modo lúdico e atraente. No primeiro capítulo discorremos acerca do Império Turco Otomano, desde sua origem até sua queda no século XX, as famílias árabes que o apoiavam podem ser representadas na literatura de Duna por meio das casas regentes de cada planeta dentro do império que prestam serviços ao Imperador Padixá da casa Corrino. Analisamos logo no início da trama o burburinho entre os nobres de uma possível revolta das casas contra o Imperador e que estaria sendo encabeçada pelo regente da casa Atreides, o duque Leto I, e analogamente a ficção na realidade do Império Turco Otomano é constatado que foi a segregação entre suas elites, e as falsas promessas europeias, que levaram a sua queda.

O planeta de Arrakis é produtor do mais importante recurso para o funcionamento de todo o sistema político e econômico do universo de Duna, a mélange, que equivale ao petróleo em nossa realidade. Com um ecossistema extremamente complexo e rico, o planeta de Arrakis é desértico e com grave escassez de água e por esta razão seus nativos utilizam trajes, desenvolvidos pelos próprios, para reciclagem de água de seus corpos para que não seja desperdiçada, que podem ser comparados às tecnologias desenvolvidas pelos árabes para irrigação e plantio na região. A região do Oriente Médio é dotada de instabilidades econômicas e políticas devido às disputas territoriais entre os governos e grupos políticos, especialmente quando está envolvida a soberania de um povo que se vê ameaçado pelo imperialismo ocidental, como é o caso da Palestina ameaçada pelo colonialismo israelense. Nos papéis da ficção, Israel é representado pela casa Harkonnen que busca expansão de seu domínio e de seu poder perante o imperador Padixá, que se vê representado pelos EUA que lhe apoia e intervém quando é necessário para manutenção de sua influência no sistema internacional. A casa Atreides neste cenário internacional do Oriente Médio está representada pela organização do Hamas, que ao subir ao poder do território palestino não recebeu o apoio do qual precisava e que representa uma ameaça a soberania israelense, e o povo fremen simboliza o povo forte e resiliente palestino que, em meio à bombardeios e destroços segue firme, mantendo a chama da esperança e da fé acesa em seus corações, lutando pelo direito de existir.

O povo palestino tem vivido em suas terras e seguindo seu modo de vida pastoril desde antes da diáspora judaica, resistindo as mudanças trazidas pelos séculos e pela

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

constante transformação no âmbito internacional. Assim também foi o povo judeu uma vez, mantendo suas comunidades unidas para não perder seus costumes, guardar a fé de Deus segundo a Torá enquanto lutava também por seu direito de existir, entretanto, algo mudou na essência deste povo que, antes perseguido, agora torna-se perseguidor. Após a perseguição nazista e o holocausto durante a Segunda Guerra Mundial, abriu-se uma profunda ferida na comunidade judaica e um marco nas relações internacionais, pois foi a primeira vez que tais atrocidades contra um povo foram documentadas midiaticamente em um mundo pós Westfália. Desde então, a preocupação das potências europeias em expulsar os judeus para fora de seu território juntou-se com a vontade política de muitos outros países, dando vida ao projeto de Theodor Herzl. Com o apoio principalmente da Grã Bretanha, e mais tarde dos EUA graças ao *lobby* da comunidade judaica no país, os judeus conquistaram suas terras “de direito”, e ao longo do tempo o Estado de Israel foi expandindo-se pelo território e quando acusado de crimes de guerra, era como se usasse o holocausto como escudo para se defender desses “ataques”. Gostaríamos de esclarecer que, de maneira alguma o holocausto deve ser apagado ou de ter sua importância diminuida, mas o ponto que estamos querendo expor é até onde um povo que foi vitima de um ato de genocídio, como foi o holocausto judeu, pode chegar enquanto reproduz ciclos viciosos de violência, tal como quando a vitima se torna o agressor e se utiliza de seu sofrimento para reproduzir os mesmos, ou até piores, atos de violência.

Podemos considerar a obra de Duna como sendo uma grande crítica, não somente para o campo da ecologia como destacou o autor Frank herbert em uma entrevista para a NBC, mas também para o campo político, permitindo-nos pensar o enredo de sua obra como um grande e complexo tabuleiro de xadrez em que os jogadores (as Grandes Casas, o Imperador, a Guilda Espacial e a Irmandade Bene Gesserit) armam estratégias uns contra os outros a fim de capturar o centro de recurso (Arrakis), ao mesmo tempo em que as peças que são capturadas (os fremen) lutam para romper o jogo e adquirir seu direito de existir. Em nossa realidade atual, podemos pensar nos jogadores como sendo Israel e demais potências envolvidas no conflito Israel-Palestina, o recurso são as terras palestinas e as peças capturadas é o povo palestino, que vem sendo massacrado pela limpeza étnica empreendida por Israel.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

REFERÊNCIAS

FARHAT, José. **A FORMAÇÃO DOS ATUAIS ESTADOS ÁRABES NO ORIENTE MÉDIO.** Países Árabes: Conjuntura Atual e Perspectivas. Instituto da Cultura Árabe.

ROGAN, Eugene L. **Os Árabes: uma história.** 1ª ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2021.

HERBERT, Frank. **DUNA**. 2ª ed. - São Paulo: Aleph. 2017.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

HERZL, Theodor. **O Estado Judeu.** Edição comemorativa ao 49º Aniversário do Estado de Israel - Maio de 1997. Consulado Geral de Israel em São Paulo.

NEWS, BBC. Qual a origem do Petróleo?. 26 de maio 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cnk0e0yydelo. Acessado em 24/08/2025

ROSS, Michael. **A Maldição do Petróleo.** Porto Alegre: CDG, 2015. 320 p.

OLIVEIRA, Lucas Kerr de. **ENERGIA COMO RECURSO DE PODER NA POLÍTICA INTERNACIONAL: Geopolítica, Estratégia e o Papel do Centro de Decisão Energética.** Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

GIORDANO, Eduardo. **LAS GUERRAS DEL PETRÓLEO: Geopolítica, Economía y Conflicto.** Barcelona. Icaria editorial, s.a. Noviembre 2002.

BRITANNICA, crude oil. Disponível em: https://www.britannica.com/science/crude-oil. Acessado em: 24/08/2025.

VAZ, Armindo dos Santos. **JUDEUS, CRISTÃOS, MUÇULMANOS: O COMUM ÀS TRÊS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS.** Revista de Teologia - N° 2. 2021.

LEWIS, Bernard. **A crise do islã: guerra santa e terror profano.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

HALLIDAY, Fred. ***Nation and religion in the Middle East***. Saqi Books, 2000.

MOHAMMAD, Noor. **Journal of Law and Religion.** Vol. 3, Nº 2. Cambridge University Press, 1985.

SAID, Edward W. **A Questão da Palestina.** São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

MATHIAS, Magu. **Palestina - Onde fica e Informações Básicas.** Disponível em: https://portaltriptips.com.br/palestina-informacoes-basicas/. Acessado em: 24/11/2025.

MARINHO, Havana Alícia de Moraes Pimentel. **Ocupação israelense na Palestina: colonialidade, geopolítica e violações de direitos.** Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, 2015.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

VIEIRA, Taís Lima; CARDOSO, Paulo da Silva; SCHEFER, Laura de Almeida. **O CONFLITO ENTRE ISRAEL E PALESTINA.** Revista das Faculdades Integradas de Vianna Júnior, vol. 9, nº 2. Juiz de Fora, jul/dez 2018.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial.** Revista Brasileira de Ciência Política, nº 11. Brasília, maio/agosto 2013.

FANON, Frantz. **OS CONDENADOS DA TERRA.** Editora ULISSEIA limitada. Lisboa, 1961.

ONU: economia palestina seria, pelo menos, duas vezes maior sem a ocupação israelense. 14 de setembro 2016. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/74270-onu-economia-palestina-seria-pelo-menos-duas-vezes-maior-sem-ocupa%C3%A7%C3%A3o-israelense. Acessado em: 28/11/2025.

UNAL, Emre. **Middle East Oil | History, Resources & Companies.** Disponível em: https://study.com/academy/lesson/middle-east-oil-history-production.html#:~:text=Quando%20come%C3%A7ou%20a%20produ%C3%Ahttps://brasil.un.org/pt-br/74270-onu-economia-palestina-seria-pelo-menos-duas-vezes-maior-sem-ocupa%C3%A7%C3%A3o-israelense7%C3%A3o%20de,de%20petr%C3%B3leo%20no%20Oriente%20M%C3%A9dio. Acessado em: 01/12/2025.

NOIVO, Diogo Rolo Mendonça. **Hamas: encuadramiento en el conflicto interno palestino.** Boletín de Información. nº 304, 2008.

WINDER, Alex. **UN Partition Plan, 29 November 1947: Paving the Way to the Impending Nakba.** INTERACTIVE ENCYCLOPEDIA OF THE PALESTINE QUESTION. Disponível em: https://www.palquest.org/en/highlight/159/un-partition-plan-29-november-1947#:~:text=Em%2029%20de%20Novembro%20de,que%20abrangesse%20Jerusal%C3%A9m%20e%20Bel%C3%A9m%20). Acessado em: 05/11/2025.

SCIULO, Marilia Mara. **Conheça a trajetória do escritor Frank Herber, autor de "Duna".** Revista Galileu, 07 de outubro de 2021. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2020/10/conheca-trajetoria-do-escritor-frank-herbert-autor-de-duna.html. Acessado em 15/12/2025.

https://pt.wikipedia.org/wiki/T._E._Lawrence#:~:text=Thomas%20Edward%20Lawrence%20CB%2C%20DSO,secreto%2C%20diplomata%20e%20escritor%20brit%C3%A2nico.&text=Tornou%2Dse%20famoso%20pelo%20seu,Os%20Sete%20Pilares%20da%20Sabedoria. Acessado em: 15/12/2025.

FEITOSA, Sofia Roitburd. O Poder do Mélange: análise geopolítica do livro Duna (1965) 2024. Trabalho de Graduação Individual - Departamento de Geografia, Faculdade de

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21

Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2024. Disponível em: https://bdta.abcd.usp.br/item/003236487.

Andrade Guevara, V. M. (2019). La Teoría Crítica y el pensamiento decolonial: hacia un proyecto emancipatorio post-occidental. Revista Mexicana De Ciencias Políticas Y Sociales, 65(238). Disponível em: https://www.revistas.unam.mx/index.php/rmcpys/article/view/67363.

Versão Final Homologada
21/12/2025 22:21